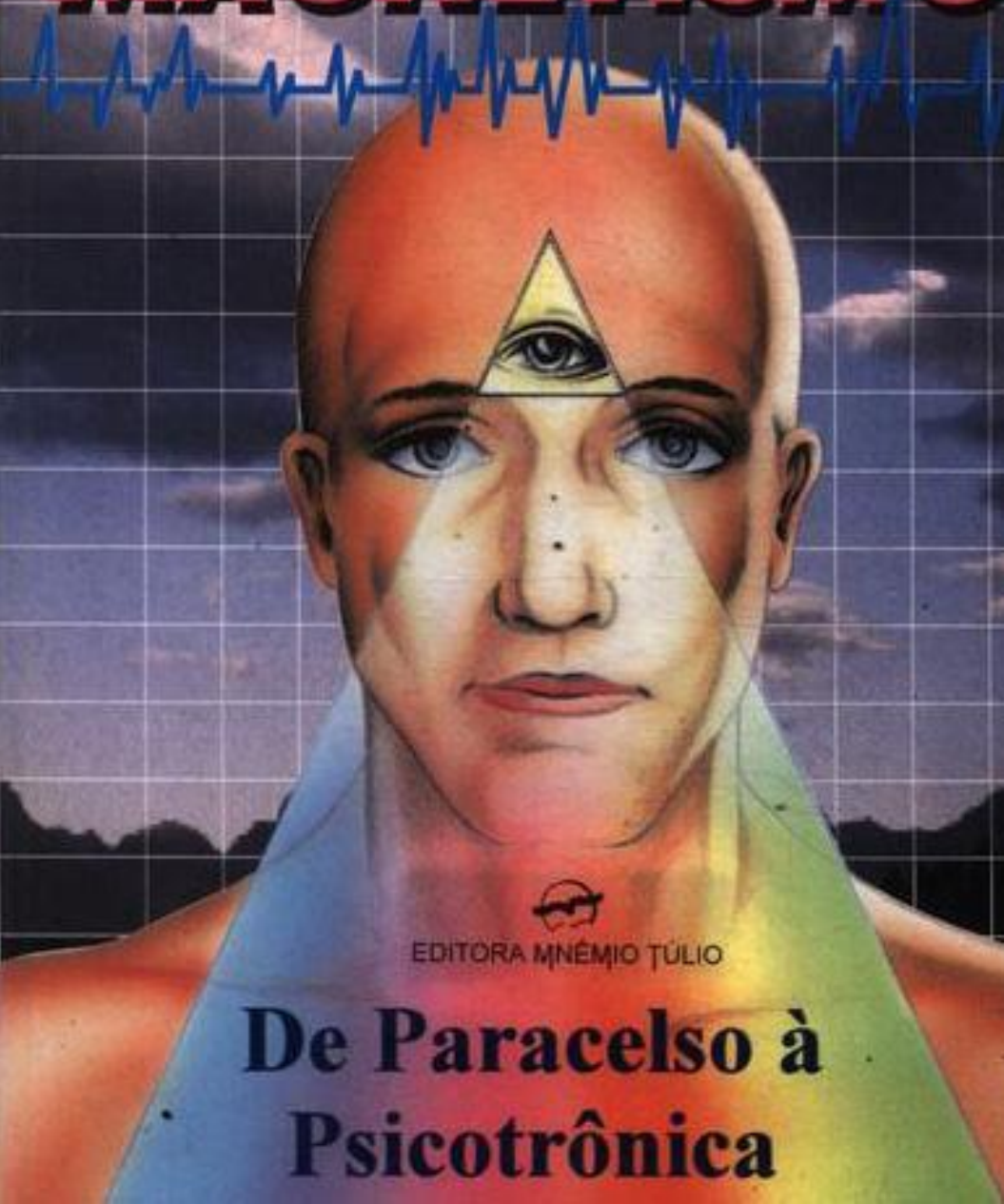


CARLOS BERNARDO LOUREIRO

ESPIRITISMO & MAGNETISMO



EDITORA MNÊMIO TÚLIO

**De Paracelso à
Psicotrônica**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Loureiro, Carlos Bernardo

Espiritismo & Magnetismo: de Paracelso à psicotrônica
/ Carlos Bernardo Loureiro.

— São Paulo: Editora "Mnêmio Túlio", 1997.

1. Espiritismo 2. Magnetismo

I. Título

97-3609

CDD-133.9

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|-----------------------------|-------|
| 1. Espiritismo e magnetismo | 133.9 |
| 2. Magnetismo e espiritismo | 133.9 |

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Espiritismo
&
Magnetismo

De Paracelso à Psicotrônica



EDITORA MNÊMIO TULLIO

São Paulo

Obras do mesmo autor:

1. Outras Dimensões
2. O Enigma das Aparições
3. Dos Raps à Comunicação Instrumental
4. Elucidações Kardecistas
5. O Túnel e a Luz
6. Cadernos de Espiritismo
7. Fenômenos Espíritas no Mundo Animal
8. A Mediunidade Segundo o Espiritismo
9. A Obsessão e seus Mistérios
10. A Visão Espírita da Morte
11. Jesus, o Mestre do Espírito

1ª edição – 5.000 exemplares - agosto de 1997

Revisão: Ruy Cintra Paiva

Capa: Issao Hashizume

Planejamento editorial: ARTE FACTUS - Design Gráfico
(011) 6910-0949

Composto em Book Antiqua, corpo 12/14

© Copyright by, 1997



EDITORA MNÊMIO TÚLIO

Fone/Fax (011) 577-7638

Rua Dr. Carneiro Maia, 100 – Água Funda

04155-050 – São Paulo – SP

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

O conhecimento humano é semelhante a uma esfera que cresce incessantemente; à medida que aumenta o seu volume, cresce o número de seus pontos de contato com o Desconhecido.

Pascal

SUMÁRIO

1 - Paracelcismo	9
2 - O pensamento místico de Agripa	13
3 - Mesmerismo	17
4 - O magnetismo e a Faculdade de Medicina de Paris ..	23
5 - Memorial do Barão Du Potet	31
6 - A força ódica, o braidismo e o sonambulismo	39
7 - Allan Kardec e o magnetismo.....	51
8 - As experiências do Dr. Albert De Rochas – Os eflúvios ódicos magnéticos	59
9 - As experiências de Émile Boirac.....	65
10 - Biômetro de Baraduc e a fotografia da força psíquica	69
11 - As experiências de William Crookes	73
12 - Fotografia do pensamento	77
13 - A Radiestesia – Radiação e sensibilidade	83
14 - A kirliangrafia – Um estado avançado do biômetro de Baraduc.....	91
15 - O corpo energético	97
16 - Os biofótons	103
17 - A fotogênese	107
18 - Outros casos de fotogênese	113
19 - Energia orgônica.....	115
20 - Psicotrônica	119
Bibliografia	123

1

Paracelcismo

Os fenômenos do Magnetismo, seus processos e sua teoria, atravessaram os séculos, no meio de grandes vicissitudes; porém, apesar das perseguições religiosas, encontramos-os quase intatos na época da Renascença (séculos XV e XVI).

Os meios e processos empregados no Magnetismo, desde a mais remota antigüidade, são os mesmos que foram redescobertos pelos magnetizadores modernos. Contudo, é inquestionável que os antigos conheciam melhor do que nós a prática e a teoria. Para eles, os diversos ramos da Ciência eram inseparáveis. O Magnetismo estava unido estreitamente à Astrologia. Depois do nascimento do Cristianismo, o único que conservou estes dois ramos foi Paracelso (Aureolus Theophrastus ou Philippus Theophrastus Bombast von Hohenheim, Suíça, 1493 – Salzburg, 1541). Paracelso, epíteto adotado para significar superioridade sobre o famoso médico grego Celso. De sua juventude não se possui informações seguras, salvo que, depois de cursar a Universidade de Basileia, Suíça, começou uma série de viagens que duraram mais de 20 anos. Visitou vários países europeus, inclusive a Rússia e possivelmente

a Ásia. Há indícios de que estudou ciências herméticas com Johanes Trithemius (1461-1516), teólogo e ocultista alemão e supõe-se também que tenha tido aulas com Slomon Trismosin, alquimista, autor da obra *Splendor Sollis*, Segundo Jean Baptiste Van Helmont (1577 – Bruxelas, 1644, Vilvorde, Bélgica), que escreveu a obra clássica *De Magnética Vulnerum Curatione*, Paracelso teria sido iniciado nos segredos alquímicos e herméticos supremos por um colégio de sábios de Constantinopla. O Magnetismo de Paracelso é a vida universal. Para ele tudo é vivente; a vida, que existe nos metais, como nas plantas, pode ser transmitida destes ao homem. A palavra Magnetismo provém dele que comparou a força emitida pelo homem à atração que o ímã (magnete), exerce sobre o ferro.

Colone, tradutor em francês e comentador dos Arquidoxos de Paracelso e autor de várias obras herméticas, denomina os homens e os animais “ímãs animados”. É sempre nesse sentido que os antigos entendiam o Magnetismo e o que entendem os magnetizadores modernos. Depois de Paracelso, os seus discípulos continuaram o trabalho do mestre: porém, praticamente às escondidas, devido às perseguições dos religiosos e dos médicos. Quase três séculos depois, Mesmer adquiriu um grande renome pela popularização e simplificação dos processos desenvolvidos por Paracelso e seus discípulos. Apesar das suas pretensões, Mesmer, na verdade, não foi o descobridor do Magnetismo, como provam os documentos reunidos pelo Dr. F. Hoeffler e a análise publicada por Rouxel na sua *Histoire et Philosophie du Magnétisme*. Lendo os vinte e sete aforismos de Mesmer, publicado em 1779, observa-se que não fez mais que reunir as teorias de Paracelso. Muito antes dele, Kircher (Athanasius Kircher, 1601-1680) e Maxwell (morto em 1650) empregava a denominação de

“magnetismo animal” no mesmo sentido.

As idéias de Paracelso sofreram nítida influência do Neoplatonismo, do Naturalismo renascentista e da Mística, tendências essas que servem de lastro à sua concepção da idéia do homem como microcosmo – espelho da totalidade – e em sua clara separação entre o saber pela revelação divina e o saber pela revelação natural. Sua preferência pela experimentação não o desviou, em nenhum momento, da especulação, que iria, por sinal, consubstanciar algumas de suas mais notáveis teses.

Sobre o pensamento de Paracelso, escreveu o psiquiatra Carl G. Jung:

“Em sua filosofia jazem pontos de partida para problemas religiosos e psicológicos, preludes de futuro e que apenas em nossa época começam a ganhar contornos mais claros. Em seu tempo, foi uma poderosa tempestade que separava violentamente ou reunia, num turbilhão, tudo que de algum modo pudesse ser mexido. Como erupção vulcânica perturbou e destruiu; mas, também, deu vida e frutos. Vemos em Paracelso um precursor da medicina química além da psicologia empírica e da terapêutica psicológica” (“Paracelsica”, conferência publicada pela Ed. Sur, Buenos Aires, Argentina, 1966).

Paracelso admitia que a ciência tem a impostergável missão de libertar o homem dos males que o afetam e, por isso, o saber não é tão-somente uma contemplação, mas evidentemente o domínio sobre as forças mágicas, um conhecimento para dirigir o princípio vital que se enraíza no fundo de cada ser vivo contra os elementos contrários, contra os espíritos elementares. Entre os filósofos herméticos, ocupa uma posição excepcional, não existindo nenhuma personalidade do Ocultismo que se possa comparar a ele. Considerado por muitas autoridades como

membro ou chefe místico da fraternidade Rosa-cruz, seu hermetismo tem fonte no neoplatonismo e na Cabala. No campo da Magia foi um continuador competente e sagaz de Johannes Von Heidelberg Trithemius, teólogo, historiador e ocultista alemão (1461-1516), autor da obra *Antipalus Maleficorum*, tratado contra a magia negra e, especialmente, de Heinrich Cornelius Von Nettesheim Agripa (1480-1535) cabalista e médico autor de *Oculia Philosophia*, publicada em Antuérpia em 1531.

Heinrich Cornelius Von Nettesheim Agripa descendia de nobre família alemã de Nettesheim. Tornou-se Doutor em Leis e Física. De espírito corajoso e aventureiro, integrou os exércitos dos príncipes aos quais servia, sendo elevado à posição de cavaleiro por atos de bravura nos campos de batalha. Quando ainda jovem, passou a servir o rei alemão Maximiliano não só como soldado mas, sobretudo, como secretário.

Agripa proferia conferências sobre os mais variados assuntos nas Universidades de Dolê e Pevia. Em 1518 foi nomeado advogado da cidade e orador em Metz, região da Lorena (França). Em consequência de sua franqueza, via-se freqüentemente em dificuldade, quando, então, era obrigado a procurar novos patronos em novos campos de atividade. Exerceu a medicina em Genebra e Friburgo e, em 1524, foi nomeado médico junto a Luísa de Sbóia, mãe de Frederico I, de França. Seu livro *Filosofia das Artes Ocultas* colocou-o em má situação junto à Inquisição, cujos líderes tudo fizeram para impedir a sua publicação.

2

Pensamento místico de Agripa

Quando Agripa atingiu a idade de vinte e quatro anos, já havia estudado as obras então disponíveis sobre o misticismo. Com base em tais estudos, ele desenvolveu um sistema próprio, que expôs em três volumes da sua obra *Filosofia das Artes Ocultas*. Essa obra foi publicada em 1533, dois anos antes da morte do autor, com a idade de quarenta e nove anos. A primeira e única tradução em língua inglesa apareceu mais de um século depois, em 1651.

Os filósofos do século XVI consideravam a força, o princípio e o Espírito – tudo idéias muito vagas – inteiramente ligados; e como Deus era a alma do Universo e o homem o microcosmo, parte ou réplica do Universo, o macrocosmo, era lógico concluir que tudo no Universo tinha sua Alma ou Espírito. Afirmava, a propósito: “Seria absurdo aos céus, às estrelas e aos elementos, que são para todos os seres as fontes da vida e da alma, faltarem estas fontes, como se toda planta e toda árvore fizessem parte de um destino mais nobre que as estrelas e os elementos que são seus criadores naturais”.

A Agripa não parecia impossível poder o homem, ocasionalmente, ganhar ascendência sobre a Natureza, tornando-se proficiente na magia natural. Dizia ele: O mundo é triplo, isto é, elementar, sideral e espiritual. Tudo que está mais básico é governado pelo que está mais alto e recebe daí a sua força. Assim, o Arquiteto do Universo deixa o poder de sua onipotência fluir através do mineral, das plantas, dos animais e, daí, para o homem...”

A exemplo de Paracelso, Agripa ridiculariza os médicos de seu tempo. Em *Da Física Prática*, lê-se: “Toda a arte de curar apóia-se somente em experimentos falazes e na frágil credulidade do enfermo, o que faz mais mal do que bem; há, geralmente, maior perigo no médico e no remédio que na doença (...) É considerado médico excelente, também, aquele a quem um casaco de veludo ou dois ou três bons anéis no dedo o tornaram admirado (...) A gente comum, quando quer ressaltar um mentiroso notório, diz: “mentes como um médico”(…) Não pode haver conselho mais proveitoso ou mais sadio para preservar a saúde, portanto, que o de abster-se de médicos...”

Referindo-se à cabala dos judeus afirma: por meio dessa arte (a cabala), dizem eles que Moisés fez muitos milagres – transformou sua vara em serpente, água em sangue (...) Por essa arte, ele dividiu o mar Vermelho, produziu relâmpagos durante o dia e colema de fogo à noite (...)” Concluiu Agripa que “por essa arte, da qual tanto se vangloriam os judeus e que investiguei com grande e diligente esforço, devo reconhecer ser ela simples rapsódia) de superstição e nada mais senão uma espécie de magia teúrgica (magia baseada na comunicação com Espíritos celestes) de que se falava outrora (...).

Agripa, que tanto influenciou Paracelso, torna-se o precursor dos estudos sobre o Magnetismo. Seus últimos anos de vida foram infelizes; morreu no exílio, pobre e abandonado.

3

Mesmerismo

Franz Anton Mesmer nasceu em Iznang, Suábia, 1734 e desencarnou em Meerburg (Alemanha) em 1815. Ainda jovem partiu para Viena onde se tornou doutor em medicina. Foi somente depois de mudar-se para Paris que redescobriu o Magnetismo Animal que, num ensaio publicado em 1779, descreveu como "um princípio que atua sobre os nervos (*Memórie Sur la Découverte du Magnétisme Animal*). Mesmer era bastante instruído, com coragem suficiente para afastar-se de algumas práticas convencionais de seus colegas médicos. Muitos o consideravam charlatão. Seus pacientes eram, na maioria, mulheres de tipo neurótico, algumas das quais talvez tivessem mentalmente desequilibradas ou obsidiadas. Alguns pacientes caíam em convulsões muitas vezes acompanhadas de gritos penetrantes, lágrimas, soluções e gargalhadas imoderadas, seguidas de um estado de prostração que quase sempre redundava em (estupor.) Eram essas crises nervosas causadas pelo modo peculiar (desobsessional) com que procedia Mesmer, pelo que se provocavam as curas.

Court de Gébelin, o autor altamente considerado de *Le Mode Primitif*, definia o mesmerismo e "as ciências naturais", como produtos das recentes descobertas cientí-

ficas. Um dos seus colegas mesmeristas exultava com a idéia de que “acima da ciência está a magia, porque esta é a continuação da outra, não como efeito, mas como perfeição da ciência”. A semelhança com as idéias de Mesmer e algumas respeitáveis fantasias dos acadêmicos que as criticavam reforçava esse argumento. J. S. Bailly, autor do relatório da comissão real que condenou o mesmerismo, sustentava teorias científicas parecidas com as de Mesmer, e os leitores até poderiam confundir a descrição do calórico por Lavoisier, outro membro da Comissão, com a versão de Mesmer sobre seu fluido. Em suma, o mesmerismo ajustava-se ao interesse pela ciência e “alta ciência” durante a década que precedeu a Revolução Francesa, e não parecia contradizer o espírito do Iluminismo. Uma lista mesmérica da época, com os autores cujas obras têm alguma analogia ao mesmerismo arrolava: Locke, Bacon, Bayle, Newton, Descartes, La Mettrie, Bonnet, Diderot, Maupertius, Robinet, Helvétius, Condillac, J. J. Rousseau, Buffon, Marat. Em suas primeiras fases, o mesmerismo expressava a fé do Iluminismo na razão levada ao seu extremo; ele mostrou o ponto em que dois extremos se tocavam. Mas, ele ainda não tinha alcançado este ponto em meados da década de 1780, quando uns versos espirituosos concisamente o situaram em evidência:

Outrora molinista	Autrefois moliniste
A seguir jansenista	Ensuite janséniste
Depois enciclopedista	Puis encyclopédiste
E então economista	Et puis économist
No presente mesmerista...	A présent mesmeriste...

O Mesmerismo correspondia tão bem às atitudes dos franceses cultos que provavelmente despertou mais interesse do que qualquer outro tema ou modismo do

decênio, antes que o édito de 05 de julho de 1788, referente à convocação dos Estados Gerais, iniciasse uma concorrência generalizada de panfletagem política, embora seja difícil medir tal interesse com alguma exatidão, ele certamente variou, aumentando constantemente de 1779 a 1784 e declinando depois de 1785; relatos contemporâneos indicam, inequivocadamente, que, disse La Harpe, “o mesmerismo predominou como epidemia que ganhou toda a França”. O editor S. P. Hardy chegou a escrever em seu diário íntimo que o “frenesi” do mesmerismo superara até mesmo a paixão pelos vãos de balões: “Homens, mulheres, crianças, todo mundo se envolve, todo mundo se magnetiza”. Meister observara: “O magnetismo ocupa todas as mentes. As pessoas estão aturdidas com seus prodígios, e se se permite ainda duvidar dos efeitos, não se ousa negar pelo menos a sua existência. O grande objeto das conversas da capital (Paris) é sempre o magnetismo animal”. O *Journal de Bruxelles*, a propósito, estampava a seguinte manchete: “As pessoas só se ocupam do magnetismo animal”. Enfim, o Mesmerismo era discutido nas academias, salões e cafés. Era investigado pela polícia, protegido pela rainha, várias vezes ridicularizado no palco, satirizado em canções populares, versos burlescos e caricaturas; praticados em sede de sociedades secretas semelhantes à maçonaria, e divulgado por uma enxurrada de livros e folhetos. Até se fez presente em “Cosi fan Tutte” do amigo de Mesmer durante seus dias em Viena, Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) um dos gênios da música clássica ou na expressão de Wagner “o mais prodigioso gênio de todas as artes e de todos os tempos”.

Mesmerismo também prosperou nos relatos de incidentes espetaculares que corriam os cafés e salões parisienses, sendo registrados nas *Memoires Secrets*. O padre

Hervier, por exemplo, um dos mais ativos defensores de Mesmer, interrompeu um sermão que fazia em Bordeaux para mesmerizar uma paroquiana em convulsões e fazê-la recuperar os sentidos. O “milagre” fez sensação, dividindo a cidade entre os que o consideravam um santo e os que o consideravam um feiticeiro, o que lhe valeu a suspensão de suas pregações, posteriormente retomadas por decisão judicial.

Ainda mais espetacular foi a redescoberta da hipnose induzida pelo Marquês Chastenet de Puységur (*). Ele descobriu um pastorzinho, extremamente sensível, e o estava mesmerizando em sua propriedade em Buzancy, no sul da França. Ele caía em sono estranho, levantando-se, andava e conversava segundo as suas ordens; logo aprenderam a provocar efeitos extraordinários como o sonambulismo mesmérico. Mesmerizou e fez voltar à vida um cachorro aparentemente morto. Hipnotizou um grande número de pessoas amarradas, juntas, em volta de uma árvore magnetizada. E descobriu que um sonâmbulo podia ver suas próprias entranhas (autoscopia) sob a mesmerização. (Vide, a propósito, o trabalho de nossa autoria, *Dos Raps à Comunicação Instrumental*, Editora F. V.

(*) A. M. J. Castenet, Marquês de Puységur (Paris, 1751 – Buzancy, 1825). Investigador de fenômenos psíquicos, militar e filantropo. Apaixonado pelas teorias do fluido magnético de Mesmer, foi seu discípulo, descobrindo uma nova forma de mesmerismo que denominou Sonambulismo Magnético. Puységur seria o primeiro a reconhecer, durante o sonho hipnótico, autênticas manifestações supranormais tais como a leitura do pensamento, o diagnóstico e a prescrição de uma terapêutica em estado sonambúlico. Obras publicadas: *Memoires pour Servir a L’Histoire du Magnétisme Animal*, Edições Dentu, Paris, 1784; *Du Magnétisme Animal, Considéré dans ses Rapports avec Différents Branches de la*

Lorentz.) Conseguia diagnosticar sua própria doença e prever o dia de sua recuperação, e até se comunicar com pessoas vivas e mortas (1). No outono de 1784, o Marquês de Puységur estava mesmerizando em enorme escala. A narrativa das suas proezas circulava por todo o País, junto com notícias de inúmeras curas realizadas.

A publicidade intensa atribuída a centenas dessas curas, cuidadosamente documentadas e muitas vezes autenticadas, em cartório, enfraqueceu a fé de muitos franceses nas noções purgativas e sangrias utilizadas pelos médicos convencionais. O conde de Motloisier, um jovem fidalgo do interior, foi um típico convertido ao mesmerismo. Ele reagia à crua religiosidade dos monges agostinianos que tinham orientado sua primeira educação, devorando as obras dos grandes filósofos, adotando concepções de livre-pensador, fato que andava um tanto em moda e mergulhando em estudos científicos. Tinha encontrado o “novo Paracelso”, invocado na *Encyclopédie*, e, com ele, a ciência vitalista romântica da natureza, que inspirara os sonhos de Diderot e d’Alembert. Ao conde de Montloisier pareceu que o mesmerismo iria mudar a face do mundo, e esse seu entusiasmo ainda era ardente em 1830: “nenhum acontecimento, nem mesmo a Revolução (Revolução Francesa), deixou-me luzes tão vivas quanto o Magnetismo”.

Mesmer sintetizou sua teoria do Magnetismo Animal em 27 proposições, que publicou no final de sua *Memoire sur la Découverte du Magnétisme Animal* (Genebra, 1779). Eis as

Physique, idem, 1807; *l’Homme dans l’État de Sonambulisme Naturel et dans Sonambulisme Provoqué par l’Acte Magnétique*, idem, 1811.

(1) Experiências idênticas foram realizadas pelo Barão Du Potet, constante em sua obra *Friaté de Magnétisme*, pelo Dr. Emile Boirac, inseridas na excelente monografia *Annales des Sciences Psychiques*.

mais importantes dessas proposições:

— Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a Terra e os corpos animados.

—Um fluido universal difundido e contínuo de modo a não apresentar nenhum vazio, de sutileza incomparável, e que pela sua natureza é capaz de receber, propagar e comunicar todas as impressões do momento, é o meio daquela influência.

—O corpo animal sofre os efeitos alternativos desse agente, e é ao se insinuar dentro da substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.

— Manifestam-se particularmente no corpo humano propriedades semelhantes às do ímã; nele distinguem-se pólos igualmente diferentes e opostos, que podem ser comunicados, transformados, destruídos e intensificados; aí se observa o próprio fenômeno do ângulo magnético.

—A propriedade do corpo animal, que o torna sensível à influência dos corpos celestes e à ação recíproca dos que o cercam, manifestada pela sua semelhança com ímã, fez-me chamá-la de *Magnetismo Animal*.

— Este sistema fornecerá novos esclarecimentos sobre a natureza do fogo e da luz, assim como para a teoria da gravidade, do fluxo e refluxo, do ímã e da eletricidade.

— Reconhecer-se-á pelos fatos, segundo as regras práticas que estabelecerei, que este princípio pode curar imediatamente as doenças dos nervos, e imediatamente as outras.

As teorias sobre o fluidos, de Mesmer, receberam considerável apoio do Barão Karl Von Reichenbach (1788-1869), naturalista alemão cujos pacientes eram sensíveis à força ódica, que tem muita coisa em comum com o magnetismo animal.

4

O magnetismo e a Faculdade de Medicina de Paris

Charles Villers, autor de várias obras notáveis publicou em 1787 seu *Magnétiseur Amoureauxes*, que apesar de seu estilo romanesco, é um extraordinário tratado de Metafísica e Magnetismo. Nessa mesma época os discípulos de Emanuel Swedenborg praticavam o Magnetismo espiritualista. Para estes, todas as doenças, sem exceção, têm uma causa espiritual e o remédio deve ser também espiritual. Entre os swedenborguianos, destaca-se a figura do Cavaleiro de Barbarin, que fundou, em Lyon (França), uma escola de Magnetismo Espiritualista. Em 1808, F. Pétetin, médico em Lyon, publicava seu livro *Eletricidade Animal*, em que se defende de ser Magnetizador e se atribui a descoberta dos fenômenos físicos e morais da catalepsia, que eram conhecidos há muito tempo.

Em 1813, François Deleuze publica a sua *História do Magnetismo*, procurando persuadir os cientistas e apresentando, para isso, só os fatos mais aceitáveis. Escreveu, ainda, numerosos artigos, uma *Instrução Prática sobre o Magnetismo Animal* e uma *Memória sobre a Faculdade de Previsão*. Com as publicações das obras de François Deleuze,

o Magnetismo teórico e prático ficou definitivamente estabelecido. Na mesma época de Deleuze, L. Lausanne publicava a obra, sempre consultada pelos tratadistas da problemática do Magnetismo, *Elementos de Magnetismo Animal e dos Princípios e Processos do Magnetismo Animal*. Enquanto isso, A. J. Dalloz apareceu com seus *Discursos Sobre os Princípios Gerais da Teoria Vegetativa e Espiritual da Natureza* (1818), *Analogias Principais da Natureza* (1822) e *Entretenimento sobre o Magnetismo Animal* (1823).

Nestas três obras, o autor apresenta fatos e experiências que, naquela época, lhe mereceram o epíteto (de parte dos detratores) de “exaltado”. Na verdade, os experimentos do Dr. Dalloz serviram, na atualidade, àqueles pesquisadores sérios e dedicados para estabelecer as bases do processo pertinente à bioenergia. Simultaneamente ao trabalho do Dr. Dalloz, J. Chardel, médico alemão, elaborou uma *Memória* sobre o Magnetismo Animal, para o concurso que, em 1818, a Academia de Ciências de Berlim abriu para jovens pesquisadores na área específica do Magnetismo Animal. Esta *Memória* contém os princípios essenciais da teoria que o autor desenvolveu, mais tarde, nas seguintes obras: *Bosquejo da Natureza Humana Explicada pelo Magnetismo Animal* (1826) e *Ensaio de Psicologia Fisiológica* (1831).

O Dr. Jules, Barão Du Potet realizou, por volta de 1820, suas primeiras experiências sobre o Magnetismo. A exposição dessas experiências foi publicada em 1821. Em 1834, publicou um *Curso de Magnetismo Animal*, fazendo, em seguida, experiências públicas em diversas cidades da França e de outros países. Fundou um jornal hebdomadário *O Propagador do Magnetismo Animal*, em 1827, e o *Jornal do Magnetismo*, em 1845.

As pesquisas de Du Potet aconteciam, justamente, quando a Faculdade de Medicina de Paris acabava de emitir

sua esmagadora opinião hostil ao mesmerismo; quando Deleuze e Puységur eram vaiados em plena rua por terem perfilhado a divisa *Charté Amour du bien public, Spes boni*; quando, enfim, o Magnetismo Animal se achava bastante abalado pela investida refratária de seus mais eminentes contestadores. Du Potet, diante dos ataques sistemáticos contra o Magnetismo, não desanimou e, de colaboração com outros investigadores, médicos de destaque, deu início no Hotel-Dieu e na famosa instituição psiquiatra Salpêtrière (onde brilharia, mais tarde, o gênio de Charcot), surpreendentes e maravilhosas curas que tanto deram que falar no Instituto de França. O fato que já tinha provocado a atenção de médicos tão famosos como: Mergue, Georget, Foissac e Broussais, de professores tão distintos como Rostan e de intelectuais tão ilustres como Frapport e Bertrand, acabou por insuflar vida na luz quase extinta do Magnetismo Animal.

Tanta celeuma causara a revitalização do processo posto em prática pelos magnetistas, que o Dr. Foissac não hesitou em solicitar da Faculdade de Medicina da França novo exame dos fenômenos (vide: *Rapports et Discussions*). Esse novo exame, a que presidiu Bourdois de la Motte, tendo como auxiliares o Dr. Guéneau de Musy e outros facultativos ilustres, foi demorado e extremamente minucioso, visto que em fins de 1831 (a solicitação do Dr. Foissac fora feita em 1826), a comissão resolveu enviar à Faculdade o respectivo relatório. Este, considerado, sem favor, um notabilíssimo trabalho, era vazado nestes termos:

1. O contato dos polegares ou das mãos e as fricções ou certos gestos que se fazem a pouca distância do corpo e a que os magnetizadores chamam passes, são os mais empregados para transmitir a ação do magnetizador ao magnetizado.

2. Os meios que são externos e visíveis nem sempre são necessários, visto que, em muitas ocasiões a vontade ou o olhar fixo bastaram para produzir os fenômenos, mesmo que os magnetizados ignorassem o que se esperava dele.

3. O magnetismo influenciou nitidamente pessoas de sexos e idades diferentes.

4. O tempo gasto em transmitir a influência magnética e em fazer sentir os seus efeitos, variou, segundo os casos e os *sujets*, entre um minuto e uma hora.

5. O magnetismo, em regra, exerce pouca influência ou nenhuma sobre pessoas sadias.

6. Também não exerce influência igual sobre todos os enfermos.

7. Algumas vezes, enquanto se magnetiza uma pessoa, observam-se fenômenos que têm a sintomatologia de opressão, calor ou frio, e muitos outros efeitos nervosos, que nos pareceram devidos à intervenção de "agentes" particulares, como a esperança, o temor, a ansiedade, provocados pelo imprevisto do ato, a monotonia do gesto, o silêncio, o repouso e a imaginação.

8. Vários efeitos observados pareceram-nos depender, exclusivamente, do Magnetismo e não podem produzir-se sem ele: são fenômenos fisiológicos e, sobretudo, terapêuticos bem comprovados.

9. Os efeitos reais, produzidos pelo Magnetismo são muito variados: a uns agita-os, a outros acalma-os; ordinariamente, causa aceleração temporária da respiração e da circulação, momentos convulsivos passageiros, estados febriformes que não se mantêm, e algumas sensações esquisitas, semelhantes a descargas elétricas; entorpecimento geral dos músculos, sonolência e, em contados casos, o que os magnetizadores classificam de Sonambulismo.

10. Pode, contudo, afirmar-se (categoricamente) que este estado existe, visto que ele dá lugar à manifestação de faculdades que só mergulhando nele se revelam, como a *clarividência* e a *previsão interior*, o que origina grandes transformações no estado fisiológico das pessoas ao Sonambulismo submetidas, como a insensibilidade absoluta e um aumento considerável e inexplicável de forças. Estes efeitos não podem ser atribuídos a nenhuma outra causa.

11. O sono, provocado com mais ou menos prontidão e levado a um grau mais ou menos profundo, é um efeito real do Magnetismo.

12. Foi-nos demonstrado, praticamente, com fatos, que o sono magnético pode provocar-se mesmo em circunstâncias tão extraordinárias como estas: os magnetizados não verem os magnetizadores, ignorarem em absoluto a sua presença e os meios de que se servem para os fazer dormir.

13. Mergulhada uma vez uma pessoa no sono magnético, não há necessidade, no futuro, de se recorrer ao contato nem aos passes para a magnetizar de novo. Os olhos do magnetizador ou apenas a sua vontade, obtêm o fenômeno, mesmo a qualquer distância. Neste caso, é possível não só adormecer uma pessoa, mas ainda colocá-la em completo estado de Sonambulismo e fazê-la ver através de corpos opacos e até descrever o que se passa a considerável distância (vide no final do trabalho considerações sobre o Sonambulismo).

14. Nos indivíduos que caem em Sonambulismo pela influência magnética, operam-se, de ordinário, transformações mais ou menos acentuadas relativamente às suas percepções e faculdades sensoriais.

15. Observamos dois sonâmbulos que distinguiam, com os olhos tapados, os objetos que se colocavam na sua frente; e, sem lhes tocarem, descreviam, rigorosamente, o

valor e o naipe das cartas, liam frases traçadas no espaço com os dedos e as linhas que se lhes indicavam de um livro tomado ao acaso. Este último fenômeno repetiu-se com igual resultado estando o livro fechado.

16. Comprovamos em dois sonâmbulos a faculdade de prever os fatos orgânicos mais ou menos distantes e complicados. Um deles anunciou com muitos meses de antecipação as horas e os minutos exatos em que começaria e cessaria um ataque epiléptico; outro indicou, sem se enganar, a época de sua cura. As previsões realizaram-se sempre com exatidão assombrosa.

Finalmente, a comissão, tendo à frente o Dr. Foissac, chegou à seguinte conclusão:

“Considerando o Magnetismo como agente de fenômenos fisiológicos ou como elemento terapêutico, é nossa opinião que deveria entrar no quadro do ensino da Medicina e ser empregado, exclusivamente, por médicos ou, sob sua orientação, por especialistas comprovados”.

Entretanto, e como destaca o Dr. Martins Oliveira, em magnífico artigo publicado na *Revista de Metapsicologia*, nº 3, 1955, editada em Lisboa (Portugal), “Este documento maravilhoso de honestidade científica, terminava com uma confissão de covardia que faz corar de vergonha qualquer intelectual”. Eis alguns trechos da confissão de que fala o Dr. Martins Oliveira: “(...) Fomos observadores probos, exatos, fiéis? A estas perguntas, Senhores, é a Vossas Excelências que compete responder. Vossas Excelências que conosco convivem, constantemente, ora na vida quotidiana, ora nas nossas freqüentes reuniões da Academia... Certamente, não acariciamos a leviana pretensão de fazer com que Vossas Excelências participem das nossas convicções sobre a realidade dos fenômenos que observamos. Não; nós não reclamamos de Vossas Excelências uma

crença cega em tudo quanto deixamos descrito. Pelo contrário, convimos que grande parte dos fatos é tão extraordinária, que Vossas Excelências têm de a pôr em dúvida. Nós mesmos, colocados no lugar de Vossas Excelências, e Vossas Excelências no nosso, possivelmente duvidaríamos também, se Vossas Excelências nos comunicassem fatos como os que acabamos de descrever...”

A colenda direção da Faculdade de Medicina de França, notando que os comissionados se curvaram até a mais infame das humilhações, respondeu, esmagando-os, com a prepotência de sempre:

“Não duvidamos da boa-fé dos comissionados; contudo, cremos que foram vítimas de várias habilidades...”

“Quer dizer” – arremata o Dr. Martins Oliveira –, “os cientistas que nada viram, que nada investigaram, que não estudaram coisa nenhuma, eram mais competentes para julgar os fatos que ignoravam do que a Comissão de sábios de que faziam parte médicos eminentes, que tinham, durante quase seis anos, procedido a rigoroso exame dos fenômenos magnéticos!”

O certo é que o fato da “injustificada atitude da Academia” – informa Quintim Lopes Gomes, em *Ciência Magnética* – “contrastando, fortemente, com as adesões de individualidades notáveis daquele tempo, deu origem a uma verdadeira revolta no mundo do Pensamento e à queda de prestígio não só da Faculdade de Medicina, mas da própria Academia de Ciência de Paris, que comungava das mesmas e refratárias idéias dos doutos professores da Faculdade de Medicina”.

5

Memorial do Barão Du Potet

O Barão du Potet, todavia, em colaboração com alguns médicos ilustres, resolveu prosseguir a luta. Em 3 de agosto de 1835, proferiu vibrante discurso quando de sua posse no Instituto de Cultura de Paris. Ei-lo:

“Senhores: um dos ilustres membros da célebre corporação a que me dirijo, disse num de seus escritos: ‘As verdades bem reconhecidas não perecerão jamais, porque o tempo não as gasta nem as pode enfraquecer’. A exatidão desse axioma aplica-se perfeitamente ao Magnetismo Animal, de que lhes vou falar.

“Antevisto por todos os povos, mas especialmente descrito nos últimos séculos por um grande número de fisiólogos, o Magnetismo Animal ou, se preferirem a propriedade de que gozam os corpos organizados e vivos de atuarem uns sobre os outros, em virtude de leis ainda não bem conhecidas embora seja evidente para aqueles que o estudam, continua a ser posto em dúvida pelas corporações sábias, que o classificam de quimera, apesar do testemunho de um grande número de homens de mérito e do seu já grande desenvolvimento atual.

“Contudo, Senhores, os que assim procedem com respeito ao Magnetismo Animal estudaram com ardor os

mistérios da luz, os da eletricidade, os do galvanismo: parece que procuram aprofundar até mais não poder ser, a natureza de todos estes fenômenos estranhos à vitalidade: mas os efeitos surpreendentes do fluxo vital continuam ser-lhes inteiramente desconhecidos: e é pena, muita pena, que fenômenos que podem projetar tanta luz sobre os conhecimentos da Humanidade, são deixados ao abandono como se não merecessem estudo sério dos nossos homens de ciência.

“Todos vós recordais, certamente, da grande querela que se promoveu em 1778, quando Mesmer chegou a Paris e enunciou ao mundo o seu sistema. A maior parte dos sábios da época tomou parte no litígio; as Academias de Ciências e de Medicina receberam o encargo de examinar o que Mesmer pretendia ter descoberto e de informar ao Governo e ao mundo sobre as aplicações do Mesmerismo ao tratamento das doenças: Bailly, Lavoisier, Franklin, Jusieu e outros sábios ilustres tomaram, a seu cargo, esta missão; e a que resultados chegaram?”

“Vós conheceis, Senhores, o juízo que esta comissão emitiu sobre o Magnetismo Animal. Examinou primeiro o sistema de Mesmer, em todos os seus detalhes, e achando-o pouco sólido, argumentou contra ele. Esses argumentos ficaram, porém, sem réplica e desde então o sistema de Mesmer se foi desmoronando pouco a pouco.

“Após a doutrina, foram examinados os efeitos do Magnetismo. Depois de reconhecerem que não eram nada exageradas as descrições que diariamente se inseriam nos jornais, os comissionados emitiram um parecer sobre elas, que foi ainda menos feliz do que o relativo ao sistema, embora salpicado de aparente lógica, de autoridade tradicional e de explicações engenhosíssimas. Não tardou, contudo, em reconhecer-se que, mesmo colocando-se outras

condições diferentes das que haviam admitido como indispensáveis para a realização de fenômenos, se podiam obter os mesmos efeitos e provocar os mesmos fatos anteriormente verificados. A partir desse momento, as explicações dos comissionados, que já não podiam considerar-se senão como meras hipóteses, começaram, por sua vez, a desmoronar-se também. Por sua conseqüência, não se tinha ainda àquela altura, chegado a uma conclusão sólida. Mas tudo fazia esperar que a verdade não tardaria a tornar-se evidente e a ser reconhecida por todos, visto que, multiplicando-se as experiências e os doutos exames dos sábios se notava facilmente que os fatos invalidavam as conclusões da Comissão.

“Porém, nesse momento, quando se tinha já posto determinada esperança na justiça da Academia, eclodiu, em França, uma luta muito maior, muito mais sangrenta e devastadora do que a do Magnetismo Animal (a Revolução Francesa), e foi preciso atender a outros interesses mais imediatos, mais urgentes do que os provocados pelo progresso da ciência. Tanto os partidários quanto os refratários às doutrinas de Mesmer viram-se, pois, obrigados pelas circunstâncias a suspender as lutas e, o que é pior, as suas investigações. A ciência sofreu, por isso, um longo eclipse, mas esse eclipse, ao contrário do que poderia esperar-se – a ocultação total da idéia – só serviria para despertar maior interesse pelas investigações e para imprimir nova diretriz aos estudos. O problema tomou, então, outro aspecto, o da época; e o Magnetismo, que tanta excitação produziu nos meios cultos, caiu, não no descrédito, como desejariam alguns, mas no esquecimento forçado, provocado pelos fatos e porque a maioria dos seus investigadores havia desaparecido da terra em que nascera. Com o tempo, tornou, porém, a reaparecer a verdade entre nós e a França viu-se,

pela segunda vez, agitada de norte a sul pelo Magnetismo Animal. Por essa altura – é certo – o entusiasmo não foi tamanho; mas foi, em compensação, muito mais ponderado e científico. Estudaram-se melhor os efeitos da nova ciência, porque se olharam com menos convencionalismo as suas causas e porque novos descobrimentos modificariam inteiramente os processos outrora empregados na produção dos fenômenos.

“Apesar de tudo isso, a maioria dos sábios, certamente receando as condenações do passado, permaneceram indiferentes à eloquência dos fatos. Atidos à opinião dos seus antepassados, limitaram-se a servir-se dela como de um escudo de aço e procederam assim porque se tratava de uma arma forjada por homens notáveis, por homens de reputação verdadeiramente universal.

“Mas, Senhores, que pode a autoridade dos homens contra a realidade dos fatos? Que pode a condenação de Galileu contra a sublime verdade que ele revelou? Que podem os argumentos dos contraditores de Harvey (*) contra a circulação do sangue? E se me faltasse algum exemplo mais recente para demonstrar-vos quantas vezes os juízos dos homens têm sido desmentidos pelo tempo, dir-vos-ia que aqui mesmo, ainda não há muito tempo, não se acreditava na existência dos aerólitos, embora se possuíssem já cento e trinta exemplos suficientemente comprovados de quedas de pedras do céu.

(*) Harvey (William), médico inglês (Folkestone 1578 – Londres 1657). Médico dos reis Carlos I e Jaime I, construiu a teoria completa da circulação sanguínea a partir de trabalhos fragmentários de Michel Servet, cuja exatidão verificou escrupulosamente. A teoria de Harvey provocou uma série de reações, tentando desmoralizá-lo perante a opinião médica européia.

“Todas as negações formuladas contra o Magnetismo Animal não impedem, contudo, que os seus efeitos se manifestem e continuem a influir no ânimo dos investigadores. Aqueles que desejarem persuadir-se de sua realidade, acharão por toda parte, com o necessário estudo, os meios de que carecem para atingirem o seu fim. Contudo, por uma anomalia absolutamente inexplicável, o descobrimento do Magnetismo achou asilo, não entre os acadêmicos, mas unicamente entre os que, nem pelo seu estado nem pela sua posição, podem, geralmente, consagrar a sua atividade a investigações científicas. Foi por esse canal que a verdade subiu à sua fonte, de onde, se não se invertessem os papéis, deveria ter descido. E assim, se hoje existe um número de partidários do Magnetismo no seio das corporações sábias, forçoso é confessar que eles receberam de pessoas de reputação científica pouco notável o impulso inicial.

“Eu não duvido, Senhores, que vós acolheríeis a verdade logo que ela se vos apresente claramente demonstrada; e para vos facilitar os meios de chegardes a este objetivo, comprometo-me, agora mesmo, a fazer-vos testemunhas de alguns experimentos que, precisamente pela sua natureza, creio não estarem sujeitos a condição nenhuma. Não são os fatos julgados, Senhores, que vos proponho examinar de novo, não são os casos antigos que eu quero submeter à vossa análise, não são questões de antanho que desejo que aprecieis; não são também árvores nem tinas mesméricas, crises de histerismo nem fenômenos sonambúlicos que eu vos apresentarei para formardes juízo exato sobre o Magnetismo Animal. Abandono voluntariamente todas as maravilhas que se observam durante os fenômenos magnéticos e, embora possua certeza absoluta sobre a sua natureza, deixo a outros o cuidado de se convencerem delas.

“Eu solicito o vosso exame apenas para fatos que não

saem do campo físico, fatos esses que parecem manifestar-se exatamente da mesma forma como são produzidos pela eletricidade, o galvanismo e o magnetismo mineral, mas cuja causalidade nada tem que ver com estes agentes, porque nem um deles é posto em jogo na sua fenomenologia – que só a nossa organização produz, sem o concurso de nenhuma combinação ou contato.

“Vou explicar-me com maior clareza: se os numerosos fenômenos de que fui investigador e testemunha durante longo tempo não me enganaram, eles devem proporcionar a prova incontroversa de que o nosso cérebro pode dispor de uma força que ainda não foi dimensionada e que, dirigida pela vontade sobre um indivíduo organizado como nós, pode produzir na sua organização fenômenos que não se manifestam senão quando a causa se põe em jogo e cessam tão depressa como ela deixa de agir.

“Pareceu-me que este agente produz uma verdadeira situação no sistema nervoso do indivíduo que o recebe, porque os efeitos não têm lugar instantaneamente; é preciso, pelo contrário, determinado espaço de tempo para que eles se produzam, os quais se manifestam por sacudidas, que nunca se renovam senão a intervalos mais ou menos compridos e com certa regularidade entre si. Estes movimentos são sempre automáticos; a pessoa que os produz não tem consciência deles, porque é absolutamente alheia às suas manifestações; a sua vontade não representa papel nenhum e eu não admito que seja necessário para o êxito completo das experiências, senão um estado inteiramente passivo do paciente durante a execução dos trabalhos. Esta condição, Senhores, é fácil de obtê-la; a cada instante podemos observá-la; não pode haver nela nenhum subterfúgio pela minha parte nem qualquer engano pela vossa; não pode dar lugar a discussões, visto que se trata apenas

de fenômeno de efeitos físicos, os quais vós apreciareis e apontareis as causas. Que o agente desses fenômenos seja o Magnetismo Animal, como eu creio, ou apenas o fluxo nervoso, como outros imaginam, pouco importa no momento. Não se trata da vossa parte, senão de reconhecer se o fenômeno existe e se ele se deve ou não a um agente absolutamente alheio à imaginação, como eu afirmo ter reconhecido e solidamente comprovado.

“Se justifico o que afirmo e vós comprovais o que demonstro, abriremos um novo caminho aos observadores e acharemos explicação natural de numerosos fenômenos que já não se podem negar, mas que se consideram, não se sabe porque, como produto de causas inteiramente acidentais. Justificaremos ao mesmo tempo os trabalhos de Humboldt, Bogros, Reil e Authenriet, que admitem um fluxo nervoso no homem capaz de exteriorizar-se (a que mais tarde o Barão de Reichenbach, no estudo das radiações dos corpos, chamaria de manifestações ódicas).

“O que vos proponho examinar não apresenta, repito, nenhum obstáculo para vós, sejam quais forem as concepções que tendes do Magnetismo. As experiências podem fazer-se a qualquer hora e em lugar escolhido por vós, onde possamos multiplicá-las e variá-las ao infinito, e submetendo à influência que vos peço para analisardes, homens, mulheres e crianças. Este exame não exige de vós, Senhores, nem o abandono das vossas crenças nem a renúncia de nenhuma de vossas opiniões nem o sacrifício da vossa razão; não exige outra coisa que não seja um migalinho de tempo e um pouco de boa-vontade. Podereis recusar-me o que vos peço?”

Esta memória ouvida com invulgar interesse, dividiu a opinião dos acadêmicos sobre o exame que Du Potet solicitava e deu origem a uma das maiores discussões cien-

tíficas registradas do século XIX. Serenados os ânimos e considerados os fatos palpáveis que se expunham, foi nomeada uma Comissão erudita para tratar do assunto. Daí resultou um relatório admirável de análise e síntese. Esse relatório, precisamente porque era admirável e podia, após discussão acadêmica, alicerçar, em bases sólidas, o Magnetismo, foi inexplicavelmente (ou criminosamente?) mantido secreto. E Du Potet, depois de esperar três meses pela desejada revelação, perdeu a paciência e resolveu atender aos pedidos que recebera de várias cidades da França e foi lecionar em Reims, Bordéus, Montpellier etc., após o que partiu para Londres...

6

A força ódica, o braidismo e o sonambulismo

Após o ano de 1835, em que (pontificou) o trabalho notável do Barão Du Potet, surgiram novas e instigantes produções a respeito do Magnetismo. Um dos mais eruditos e racionais escritores magnetistas, Aubin Gauthier, publicou, em 1840, sua primeira obra intitulada *Introdução ao Magnetismo* (495 páginas); e, em 1842, *História do Sonambulismo Entre Todos os Povos*.

Em 1847, o Dr. J. W. Teste, magnetizador, fisiologista e filósofo profundo, dava a (lume) duas obras de grande valor histórico: a primeira *Magnetismo Animal*, que é uma exposição metódica dos processos empregados para produzir os fenômenos e sua aplicação no estudo e tratamento das doenças. A segunda, *Magnetismo Animal Explicado*, estuda a natureza essencial do Magnetismo, seus efeitos, sua história e suas aplicações. Ainda em 1847, surge a obra do célebre Magnetizador La Fontaine: *A Arte de Magnetizar*. Em 1856, deu à luz mais duas obras: *Esclarecimento Sobre o Magnetismo* e *Memórias de um Magnetizador*. Por essa época, Afonso Cahagnet lançava a sua *Magia Magnética*, em que ensinava o modo de operar para dispersar as nuvens. Eis o que

escreveu: “Escolher uma nuvem bem isolada das outras, antes perpendicular do que oblíqua ao operador, e de diâmetro de um a dois metros. Coloca-se contra a direção que segue ou acioná-la neste sentido. Fixar esta nuvem, juntar as mãos com as pontas dos dedos voltadas para o centro ou seus limites, conforme o ponto que se quer atacá-la. Concentrar fortemente o pensamento sobre esta ação, desejando dissolver a nuvem, dividi-la, fazê-la dispersar-se. Fazer essa experiência em pleno campo e não em lugar próximo a edifícios. Três ou cinco minutos bastam para levar a operação a termo”.

Alphonse Cahagnet também dava a lume, em 1847, o primeiro tomo dos seus célebres *Arcanes de la Vie Future Devoillés*, fundando em fins de 1848, por sugestão do Espírito de Swedenborg a “Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas”. (*)

Os fatos a favor desse magnetismo espiritualista, de que Cahagnet fora um dos seus mais notáveis corifeus, se acumulam e se difundem, e vemos em 1853, o sábio François Arago (1786-1853) fazer no *Annuaire du Bureau de Longitudes* estas ponderações: “A maior parte dos fenômenos, grupados hoje em torno desse nome (magnetismo animal), não eram nem conhecidos, nem anunciados em 1784... Os sábios hoje se integram a experiências de sonambulismo... penetram em um mundo todo novo, de cuja existência os Lavoisier, os Franklin, os Bailly não suspeitavam sequer.

(*) Alphonse Cahagnet. Eleanista francês, investigador dos fenômenos paranormais. Em 1845 estudou o Sonambulismo. Obras: *Arcanes de La Vie Future Devoillés* (1848), que contém informações a respeito das experiências realizadas pela médium Adeile Maginot, constituindo uma notável antecipação das investigações espíritas levadas a efeito, anos depois, por Allan Kardec.

“A dúvida” – prossegue o descobridor da polarização rotatória do quartzo – “é prova de modéstia, e raramente tem levantado obstáculos ao progresso da ciência. Não se poderia dizer o mesmo da incredulidade. Aquele que fora das matemáticas puras pronuncia a palavra impossível, comete imprudência”.

Em 1854, o Barão Karl von Reichenbach (1788-1869), um dos mais famosos químicos de seu tempo, descobridor do creosoto e da parafina, foi repentinamente afastado do convívio com seus colegas a partir do momento em que resolveu estudar as pessoas que afirmavam ter poderes psíquicos. Dez anos depois, Reichenbach publicava sua *Pesquisa Sobre Magnetismo, Eletricidade, Luz, Cristalização e Sua Relação com a Força Vital*, na qual afirma ter descoberto uma nova energia: “A Força Ódica”, ou simplesmente, ODILE.

Para Reichenbach, esta é uma propriedade universal da matéria, em distribuição variável e desigual. Os seres humanos, acrescenta, são recipientes de ODILE e são iluminados por essa *força*, especialmente a região da fronte. A “Força Ódica” é polarizada entre positiva e negativa, sendo que o pólo positivo cria uma luminosidade amarelo-vermelho, e o pólo negativo, uma azul.

As idéias de Reichenbach, como seria de esperar, foram completamente ridicularizadas em seu tempo. Quando ele morreu, em 1869, continuavam sendo rejeitadas pelo misoneísmo acadêmico. Entretanto, quando na atualidade foram iniciadas as pesquisas sobre campos vitais e aura humana, seu trabalho passou a merecer respeito e admiração que lhe eram historicamente devidos.

Dentro das perspectivas firmadas pelo Barão de Reichenbach, o químico norte-americano George Starr, modernamente, introduzia a cultura cosmo-elétrica nos Estados Unidos. Afirmava que era possível aumentar o

crescimento das árvores e flores, a qualidade e a quantidade de frutas, através do que ele chamou de *energização*. E explicava a sua teoria:

“Terra saudável dá comida saudável. Comida saudável ingerida com moderação, cria corpos saudáveis. Corpos saudáveis resultam em mentes saudáveis. Mentes saudáveis elaboram pensamentos saudáveis. Pensamentos saudáveis dão paz para o corpo e a alma”.

Posteriormente, o Dr. L. E. Herman, um cientista inglês, após estudar a energia curativa da Natureza, afirmou que ela, efetivamente, é polarizada, como dissera o Barão de Reichenbach. E conclui que o lado direito do corpo é positivo, e o esquerdo, é negativo. Pela ligação desses pólos opostos, através de um fio de cobre nas mãos, o Dr. Herman produzia um circuito completo que ajudava seus pacientes a relaxar. Inicialmente, o Dr. Herman pensou que o circuito devia ser eletromagnético; mas, experiências com sedas – que é não-condutor – mostraram que a energia envolvida no fenômeno não podia ser elétrica.

Braidismo e sonambulismo

Em 1843, um conhecido cirurgião inglês, de Manchester, o Dr. James Braid, (1795-1860), experimentador hábil e observador sagaz, retomou o exame dos fatos enunciados pelos mesmeristas. Os resultados de sérias pesquisas foram enfeixados em sua obra *Neurohypnologia. Traité du Sommeil Nerveux ou Hipnotisme* (edição francesa de J. Simon, 1843).

Enquanto Mesmer tinha professado que o Magnetismo é produzido pela emissão de um fluido, o que é ainda a doutrina dos magnetizadores espíritas, Braid considerou que o Hipnotismo, a que se dava então o nome de “braidis-

mo", era produzido pela fixação de um objeto brilhante e não reclamava a influência fluídica do operador. A este novo método não tarda a juntar-se outros resultantes da magnetização, das descobertas das zonas hipnógenas e sobretudo da sugestão.

A sugestão

Manifestamente, sugestão é uma "força" que, partindo do agente, vai imperar, com "soberania absoluta", não só no ânimo e vontade do paciente, mas em todos os seus órgãos e faculdades, e com uma intensidade tal qual que excede muitíssimo a que lhe poderia dar a própria vontade do paciente.

Mas por que forma ou processo atua essa força?

Os processos magnéticos ou hipnóticos, dizem uns, produzem em primeiro lugar a "anervrosia", isto é, o esgotamento do fluido vital, que traria consigo a privação temporária da vontade do paciente. Então a vontade do agente que é uma força, projeta-se sobre o paciente, substitui-se à vontade entorpecida deste, e opera assim todos os maravilhosos fenômenos do magnetismo.

Esta teoria, se bem que tenha um fundo de verdade na descrição do *modus faciendi*, é deficiente, porque não consegue revelar a natureza íntima dessa força ainda misteriosa.

O Dr. Julien Ochorowicz, célebre fisiologista, procurando encontrar uma teoria explicativa para a sugestão mental, socorre-se de outros princípios em que também pode haver um fundo de verdade, e que é, (essa teoria), indubitavelmente, mais completa e profunda, embora não atinja, por seu turno, o âmago da questão.

Pensamento se transmite de umas às outras pessoas porque, segundo o Dr. Ochorowicz, o pensamento é um ato dinâmico, cujo movimento não fica limitado à superfície externa do corpo que o produz, mas antes se propaga e se transforma. Mas, nem o princípio da comunicação nem o de transformação nos serviriam muito para a explicação da sugestão mental, se não fossem completados pelo princípio da física geral – a lei de “reversibilidade”.)

E com efeito, diz ele, nós sabemos que toda força se propaga; que toda força propagada encontra resistência, se transforma; não sabemos, porém, o que pode suceder numa segunda ou terceira transformação. Pode acontecer que movimento transformado duas vezes recobre o seu caráter primitivo. Mas, em que caso poderá isso suceder? No caso particular em que o movimento comunicado “ache um meio análogo do seu ponto de partida”.

Em suma, na sugestão mental, o correlativo dinâmico dos movimentos cerebrais propaga-se e se transforma; e, quando chega a um meio análogo àquele que lhe deu origem, isto é, a outro cérebro, desperta neste os mesmos pensamentos, as mesmas idéias, em virtude da “lei de reversibilidade”. (Vide Dr. Julien Ochorowicz, in: *De La Suggestion Mentale*, edição francesa.)

A Escola de Nancy

As experiências desenvolvidas por James Braid seriam aprofundadas, até certo ponto, por um talentoso médico que morava perto da cidade de Nancy: O Dr. Ambroise August Liébeaut deu a seus pacientes duas opções: remédios convencionais pagos ou tratamento por hipnose grátis.

Quando ele curou por hipnose um paciente de ciática que fora tratado sem sucesso por Hippolyte Bernheim, um professor de medicina da Universidade de Nancy. O Dr. Bernheim terminou juntando-se ao Dr. Liébeaut. Os dois trataram mais de 12 mil pacientes em sua clínica de hipnose, que também atraiu visitantes importantes como Sigmund Freud. (*)

Entre os mais importantes casos tratados pelos doutores Liébeaut e Bernheim, foi o de um paciente que sofria de uma enfermidade chamada “pele de peixe” (*erythrodermia ictiosiforme*), de que se conhece umas vinte variedades. A pele inteira se resseca, formando verdadeiras escamas, e as novas experiências demonstraram a verdade daquele provérbio francês – “O corpo é o espelho da alma” –, significando que algumas afecções são o resultado de perturbações espirituais.

O tratamento realizado, por meio do hipnotismo, pelos doutores Liébeaut e Bernheim aliviou o paciente no prazo de uma semana, fazendo desaparecer o processo de um dos braços, onde a irritação era mais forte. As pernas ficaram curadas, quase totalmente, dentro de um mês, e pouco depois o enfermo pôde ter alta, sem recidivas. Este e outros casos semelhantes indicavam, segundo os citados doutores, “a necessidade de intensificar ao máximo a investigação científica básica sobre a relação íntima entre o Espírito e o corpo”.

A classificação da Escola de Salpêtrière distinguiu,

(*) Sigmund Freud (1856-1939) afirma-se, um hipnotizador ineficiente, considerou os resultados com seus pacientes um tanto e quanto inconsistentes, levando-o, então, a aprofundar-se nas pesquisas psicanalíticas que, segundo ele, seriam mais eficazes no conhecimento dos mecanismos enigmáticos do psiquismo humano.

primeiro, o grande hipnotismo, ou hipnose histérica, do pequeno hipnotismo, que compreende formas variadas.

No grande hipnotismo, minuciosamente experimentado na Salpêtrière, observam-se três fases. (A letargia) a Catalepsia e o sonambulismo) provocado. Neste último caso, destaca-se o episódio que envolveu a jovem aparentemente dementada Alcina, hipnotizada por Charcot, (*) à vista de eminentes psiquiatras, de várias partes do mundo. Alcina, em estado sonambúlico provocado, demonstrou possuir uma cultura humanística fantástica. Na verdade, entidades espirituais se manifestaram através da médium, quase uma menina, e levaram os ilustres alienistas, incluindo Charcot, a uma situação vexatória, especialmente quando, em dado momento, comunicou-se o Espírito do médico Galeno (Cláudio Galeno; médico grego, Pergamo 131ac – Roma 101ac. Foi um destacado (anatomista), que, a pedido de Charcot, escreveu uma das mais belas e profundas concepções sobre o ser humano. Diante de tais e concludentes fatos, os ilustres discípulos de (Esculápio) silenciaram ou lhes deram as costas, retornando Alcina à sua cela na imensa e assombrosa Salpêtrière...

O sono hipnótico é provocado pela fixação do olhar, ou pela oclusão das pálpebras com compressão leve dos

(*) Jean-Martin Charcot (1825-1893), neurólogo e psiquiatra francês. Professor de anatomia comparada. Diretor do Hospital de la Salpêtrière, de Paris, onde estabeleceu a clínica mais importante de sua época para o tratamento das enfermidades nervosas. Suas lições em la Salpêtrière alcançaram divulgação mundial. Agrupou sob o nome de histeria um numeroso grupo de perturbações e cuidou de sua cura por meio de hipnotismo. Escreveu várias obras, entre as quais destacam-se: *Leçons sur les Maladies du Système Nerveux, Faites a la Salpêtrière, Leçons Cliniques sur les Maladies des Veillards et les Maladies Chroniques, Les Démoniques dans l'Art.*

globos oculares ao passo que a catalepsia é determinada pela projeção súbita de uma luz viva ou pela produção inesperada de um ruído intenso.

As outras escolas, e sobretudo a de Nancy, classificam o sono provocado em uma série de períodos mais numerosos que compreendem uma simples sonolência, um sono ligeiro, o sono profundo, o sono profundíssimo, o sono sonambúlico leve e o sono sonambúlico profundo, no qual o indivíduo fica inteiramente à mercê do operador acessível a todas as sugestões.

O Mundo Fascinante do Sonambulismo

O pesquisador português Martins Velho afirma que, dentre os fenômenos mais notáveis que oferecem os sonâmbulos lúcidos, destacam-se como principais: a hiperexcitabilidade de todos os sentidos, a transposição destes e a sugestão com efeitos hipnóticos e pós-hipnóticos.

É desse modo que a memória do sonâmbulo parece “evocar” do passado um mundo inteiro, de que no estado de vigília não lograria recordar-se, evocação que lhe permite quando quer tornar a ver diante dele mesmo todo esse passado já muito obliterado.

Entretanto, não é apenas com relação ao passado que essa “hiper-excitação” mnemônica se manifesta; lendo diante do sonâmbulo algumas páginas de um livro, terminada a leitura ele repetirá, sem omissão de uma vírgula (às vezes lê para frente), tudo quanto ouviu, e isto ainda mesmo que o livro esteja escrito numa língua para ele desconhecida.

A mesma exaltação sensitiva se observa nos outros sentidos dos sonâmbulos. Assim, ele poderá achar melhor

ou pior objetos que todos nós consideramos inodoros. Assim, se aproximarmos do nariz do sonâmbulo (devidamente vedado), um pedaço de madeira, vidro, ferro, papel, pedra, chumbo, ouro ou prata, ele distinguirá cada um desses objetos conforme sua natureza. Ademais, pondo-se nas mãos dos sonâmbulos vários e diversificados objetos, pertencentes a diversas pessoas presentes à experiência, ele é capaz de dizer, recorrendo ao olfato, quem é o dono de cada um deles.

Mas é sobretudo quanto ao sentido da visão que o sonambulismo se torna verdadeiramente intrigante, manifestando sob as seguintes formas: "visão nítida", com os olhos fechados e vedados, de objetos próximos, ou "dupla vista": visão de objetos ocultos, "criptoscopia".

Negou-se, peremptoriamente, por vários anos o fenômeno de visão com os olhos fechados ou "dupla vista", alegando-se que isso era um mero embuste dos magnetizadores e dos seus sonâmbulos; diziam que as experiências eram feitas de forma que os espectadores eram iludidos, e, por isso, não podiam merecer crédito nem confiança.

Os fisiologistas e médicos, influenciados pelas teses materialistas, achavam mais cômodo negar a possibilidade dos fenômenos, a estudá-los a sério, e tentar desmascarar os pretendidos embusteiros.

Atualmente, e em função das pesquisas que se realizam na Rússia, o fenômeno da visão com os olhos fechados já é encarado como possível. Entretanto, querem explicá-lo dizendo que o sonâmbulo tem órgão da vista de tal forma hiper-excitado que lhe permite ver nitidamente através das pálpebras fechadas, muito translúcidas, e mesmo através das dobras de uma expressa venda que lhe ponha nos olhos. (!)

Esta afirmação não tem qualquer fundamento. Quando

lhe produz o sono magnético ou hipnótico, os globos oculares se reviram para a parte superior, de sorte que, sob as pálpebras fica apenas a parte branca do olho, que como é sabido, não tem capacidade visual.

Um dos casos mais notáveis de visão com os olhos fechados, que guarda especial identificação com a visão provocada por sonambulismo, registrou-se, por volta de 1960, na cidadezinha Nizhniy Tagil, região montanhosa de Urais, fronteira entre a Ásia e a Europa. Tratava-se da sensitiva Rosa Kuleshova, “tão desgraciosa e tão sem trato quanto uma batata lavada e colocada sobre a pia da cozinha”, segundo as pesquisadoras norte-americanas Sheila Ostrander e Lynn Schroeder.

Certo dia, Kuleshova notou algo estranho: ela provou a si mesma que poderia ler com os olhos completamente fechados, utilizando-se das pontas dos dedos.

Em 1962, Kuleshova contou ao Dr. Jopsif M. Goldberg, seu médico, ser possuidora dessa estranha faculdade. Ele não se mostrou inclinado a acreditar no que sua jovem cliente lhe dizia. Ela lhe fez, então, uma demonstração. Com os olhos cuidadosamente vendados pelo próprio Goldberg, moveu o terceiro e o quarto dedos da mão direita sobre folhas de papel, nomeando cores: “verde, vermelho, azul claro, alaranjado”. Goldberg colocou jornais, revistas, livros, debaixo dos dedos de Kuleshova. A mão lia tão facilmente quanto os olhos. Kuleshova agia como se possuísse um segundo par de olhos na ponta dos dedos.

Goldberg, neuropatologista, após acuradas experiências, convenceu-se, efetivamente, que estava diante de um extraordinário fenômeno, cujos mecanismos desconhecia completamente. Finalmente levou Kuleshova a uma conferência regional da Sociedade de Psicologia, que se realizou em Nizhniy Tagil, no outono de 1962. A jovem sensitiva ou,

mais precisamente, sonâmbula, conseguiu, com suas inequívocas demonstrações de visão sem olhos, impressionar os conferencistas, a maioria especialistas e sábios psicólogos russos. "O enigma de Tagil" tornou-se célebre, não apenas na antiga (e extinta) União Soviética, mas em toda a Europa e Estados Unidos da América do Norte.

Entrou em cena, a partir daí, o prestigioso Instituto de Biofísica da Academia de Ciência de Moscou, que submeteu Rosa Kuleshova a uma série interminável de experiências em seus laboratórios. Vide, a propósito, o trabalho "soviet Experiments in Eyeless vision", publicado no *International Journal of Parapsicology*, 1964.

Rosa Kuleshova ficou, no Instituto de Biofísica, sob a guarda circumspecta de dois eminentes cientistas: M. S. Smirnov e M. Bengard, que, falando em nome do Instituto, declaram, após acuradas pesquisas: "Rosa Kuleshova é capaz de ler um texto tocando-o; identifica cores e luz com as mãos".

Os cientistas russos começaram a desconfiar de que investigam em seus laboratórios UM MUTANTE EVOLUTIVO. Mas a verdade é que eles pesquisavam nada mais nada menos, que uma jovem sensitiva possuidora de capacidade sonambúlica de dupla vista...

7

Allan Kardec e o magnetismo

Em 1854, Denizard Hippolyte Léon Rivail, pedagogo ilustre, iniciava-se nos segredos do Magnetismo. Na verdade, as premissas de sua curiosidade pelos fatos espíritas encontram-se no estudo do Magnetismo. Ele próprio reconhece que o estudo do Magnetismo despertou seu interesse desde 1820, o que fez certos adversários do Espiritismo, a exemplo de René Guénon, que os médiuns de Kardec (pseudônimo do Prof. Rivail) estavam hipnotizados pelo codificador do Espiritismo e que falavam de acordo com a vontade dele.(*)

Esta objeção não é válida – como assevera André Moreil –, pois se conhece a honestidade moral de Kardec.

(*) René Guénon (Blois, França 1886 – Cairo, 1951), discípulo de Philippe Encause, integrou várias organizações neo-espiritualistas, entre as quais a Maçonaria e a Igreja Gnóstica (1909) na qual foi sagrado bispo com o nome de Palingenes. Em 1912 adotou a religião Islâmica. Publicou diversas obras relacionadas com o esoterismo, entre as quais destacam-se: *Introducion Générale a l'Étude des Doctrines Hindues* (1921). É um dos escritores europeus que mais se comprometeu com o estudo do esoterismo, voltando certa e injustificada aversão à Doutrina Espírita.

Como poderia prestar-se a tal encenação? E como explicar a concordância dos ensinamentos de todos os médiuns, hipnotizados ou não por Kardec?

Entretanto, é certo que entre os fenômenos magnéticos e os fenômenos espíritas, existem determinadas relações e, até mesmo, semelhanças. Pretende-se que o Magnetismo seja um fluido universal, ocupando todo o mundo criado e estabelecendo relações harmônicas entre os corpos celestes. Pode o homem emitir, à vontade, para longe de si o fluido de que está penetrado e fazer que produza os efeitos desejados. O hipnotismo – acrescenta Moreil – não se explica de outro modo; produz o segundo grau do Magnetismo Animal, que é o Sonambulismo.

O Magnetismo – escreveu Kardec em 1858 – preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devido a vulgarização das idéias sobre a primeira. Dos fatos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar de outro. Se tivermos que ficar fora da Ciência do Magnetismo, nosso quadro ficará incompleto e poderemos ser comparado a um professor de Física que se abstinhasse de falar da luz. Contudo, como o Magnetismo já possui entre nós órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo insistirmos sobre um assunto tratado com superioridade de talento e de experiência. A ele não nos referimos, pois, senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, na verdade, não passam de uma.

A Ação Magnética: Observações de Kardec

O fluido universal é o elemento primitivo do corpo

humano e do perispírito, que dele não são senão transformações.(*). Pela identidade de sua natureza, este fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra, num corpo deteriorado, uma parte da substância de seu envoltório fluídico: a cura se opera pela substituição de uma molécula sã a uma molécula malsã. O poder curador está, pois, em razão da pureza da substância inoculada; ele depende, ainda, da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante, e dá ao fluido uma maior força de penetração; enfim, as intenções que animam aquele que quer curar, quer seja homem ou Espírito. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas.

Os efeitos da ação fluídica sobre as enfermidades são extremamente variados, segundo as circunstâncias; esta ação algumas vezes é lenta e reclama um tratamento continuado, como no Magnetismo comum. De outras vezes ela é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de uma força tal que elas operam, sobre certos enfermos, curas instantâneas pela só imposição das mãos, ou mesmo só por um ato de vontade (o que acontecia, freqüentemente, com o Cristo, cujas curas, espetaculares, até hoje impressionam, tidas pelos místicos, como milagrosas). Entre os dois pólos extremos desta faculdade, há mudanças ao infinito. Todas as curas deste gênero são variedades do Magnetismo e não diferem senão pelo poder e a rapidez da ação. O princípio

(*) Observação oportuna: O fluido universal dos Espíritos, tão ridicularizado até há pouco, já é admitido pela ciência, com outros nomes: o "oceano de elétrons" da teoria de Dirac; os "campos de força", o poder desconhecido que está por trás da energia, segundo Arthur Compton.

é sempre o mesmo: é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujos efeitos estão subordinados à sua qualidade e às circunstâncias especiais.

A ação magnética pode se produzir de várias maneiras:

1°) Pelo próprio fluido do Magnetizador; é o Magnetismo propriamente dito, ou o magnetismo humano, cuja ação está subordinada ao poder e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2°) Pelos fluidos dos Espíritos agindo diretamente, e sem intermediário, sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar um sonambulismo espontâneo, seja para exercer, sobre o indivíduo, uma influência física ou moral qualquer.

3°) Pelos fluidos que os Espíritos despejam sobre o magnetizador e ao qual este serve de condutor. É o magnetismo misto, semi-espiritual ou, querendo-se, humano-espiritual. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este as qualidades que lhe faltam. O concurso dos Espíritos, em semelhantes circunstâncias, é por vezes espontâneo, mas, o mais freqüentemente, é provocado pelo pedido ou evocação do magnetizador.

A faculdade de curar por influência fluídica é muito comum, e pode se desenvolver pelo exercício; mas a de curar, instantaneamente, pela imposição das mãos, é mais rara, e o seu apogeu pode ser considerado como excepcional. Entretanto, foram vistos em diversas épocas, e quase entre todos os povos, indivíduos que a possuíam em grau eminente. Nestes últimos tempos, viram-se vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Uma vez que estas espécies de cura repousam sobre um princípio natural, e que poder operá-las não é um privilégio, é que

elas não contrariam a natureza e não têm de miraculoso senão a aparência. O leitor poderá encontrar preciosas referências sobre curas instantâneas no contexto da *Revista Espírita* fundada e dirigida por Kardec em 1858, referente aos anos de 1866 e 1867.

Magnetismo no Brasil

O Magnetismo no Brasil era tão conhecido quanto na velha Europa. Homens ilustres, principalmente médicos homeopatas, traduziam e publicavam obras de conceituados magnetizadores europeus, e ao mesmo tempo se dedicavam a experiências de sonambulismo. Entre eles, destacavam-se o famoso Dr. Cesário, que, num interessante artigo publicado no *JORNAL DO COMMERCIO*, de 4 de outubro de 1854, dava notícia de várias curas de doentes que consultavam um sonâmbulo em seu gabinete, na Rua de S. José nº 56. Escrevia que o sonâmbulo diagnosticava e formulava o tratamento com a devida precisão, acrescentando estas palavras:

“Se um fenômeno extraordinário não pode ser explicado por nenhuma das leis reguladoras do Universo, isto somente prova que todas elas não nos são conhecidas, e que se fazemos idéia desse mesmo Universo é pelo que nos é conhecido e jamais porque nos fosse o seu segredo revelado pela Suprema Inteligência.

“Portanto, não havendo nada mais real, como objetar-se que nunca será verdade que o sonâmbulo possa ver sem os olhos, e descrever qualquer moléstia e os remédios apropriados? Demais, se ele em 2, 4 ou 6 minutos vê tudo o que se passa numa distância de léguas, com muito maior razão o fará estando em mediata ou imediata relação com o

objeto. As provas estão na evidência dos fatos ministrados já pelos autores e já pelo nosso sonâmbulo, fatos ultimamente observados por muitos deputados, como Srs. Conselheiro Barreto Pedroso, Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, Francisco Carlos Brandão, Cândido Mendes de Almeida, Joaquim Firmino Pereira Jorge, Francisco Mendes da Costa Correia, Antônio José Machado e outros. Aí está hoje também curvado ante os maravilhosos fenômenos do sonambulismo o nosso colega Sr. Dr. Francisco Ferreira de Abreu, que tendo sempre negado a sua existência, é o seu mais decidido entusiasta defensor, com tanto mais ardor quanto é ele mesmo quem magnetiza. E não é o Sr. Ferreira de Abreu o nosso eminente químico? Será agora incluído na classe dos néscios, ignorantes e estúpidos?..."

Esse "Dr. Cesário" publicara, no *Jornal do Commercio*, aos 12 de agosto de 1853, um artigo sob o título: "Magnetismo Animal", em que faz referência a "mesas girantes", e acredita, como seus colegas magnetistas europeus, que a rotação das mesas acontecia em função do fluido magnético. Era este que agia sobre os corpos inanimados comunicando-lhes movimento. Ainda neste artigo, o Dr. Cesário critica o folhetinista do próprio "*Jornal do Commercio*", porque este havia escrito inverdades a respeito do sonâmbulo de quem se servia para obter notáveis e comprovadas curas, e acresceu expressivos documentos em apoio de suas asserções: "... da boa lucidez do sonâmbulo, que nunca fora 'matuto', que já tem convenientes provas de grande número de doentes e muitas de nossas ilustrações médicas e literárias, entre elas os Exmos. Srs. Visconde de Olinda (Marquês em 1854), de Monte Alegre, Barão de Cairu, o muito distinto professor de Anatomia da Escola de Medicina desta Corte, o Dr. José Maurício Nunes Garcia, que conhecendo profundamente o magnetismo, assistiu a várias

consultas; então viu a exatidão com que o nosso sonâmbulo costuma indicar nos atlas anatômicos o órgão, ou qual de seu ponto existe moléstia: a recapitulação, o diagnóstico, prognóstico e tratamento, coroado afinal de feliz êxito nos casos compreendidos na órbita do possível”.

No jornal *O Cearense*, que se editava na cidade de Fortaleza, Ceará, em seu número de 26 de agosto de 1853, dava a público um artigo de seu correspondente do Rio de Janeiro, datado de 10 de agosto. Eis o que o articulista dizia: “Por onde começarei hoje minha epístola? Se não há grandes acontecimentos a contar, não deixa contudo de haver objetos de interesses secundários em abundância, se eu não tivesse sempre preguiça e se o seu jornal oferecesse espaço. Mas não me lembro se já falei do *Magnetismo*, esse prodígio que ocupa o espírito e a atenção de todo o mundo.

“*O Magnetismo*, até hoje especulação da Ciência, ou do charlatanismo, acreditado por poucos, desacreditado por muitos, tido por impostura e mentira pelos homens de ciência, hoje se acha no domínio público, é entretenimento das famílias, o brinquedo dos rapazes; pois não há quem não tenha feito guiar as mesas, pratos, chaves, etc.; e não tenham visto estes corpos inertes moverem-se, e, o que é mais, com inteligência superior responderem a todas as questões, e até adivinharem! Acha isto impossível, ou incrível? Pois experimente, e verá. Será preciso ou recusar a evidência dos sentidos, ou acreditar no fato incontestável. Como se faz? Essa é boa! Pois eu sei lá como as mesas adquirem movimento e inteligência?

“Por que é que as sementes desabrocham, nascem e crescem? Por que o ímã aponta o norte, e atrai o ferro? Por que é que o arame transmite o pensamento e palavras a centenas de léguas, em minutos, por essa maravilhosa descoberta da *eletricidade*? Que importa que o homem

continue a ignorar a causa dos grandes fenômenos da *Criação*, se eles existem?

“Porque não podemos compreender, explicar, devemos duvidar? Ridícula vaidade é esta do orgulho humano, que, para acreditar nas obras da *Criação*, quer ser participante de todos os segredos da divindade!”

Após participar de notáveis experiências de mesa girante, eis o que o correspondente de *O Cearense* informou através do espaço que o jornal lhe ofereceu:

“Depois disso, como duvidar desse espantoso fenômeno chamado *Magnetismo*?... De minha parte não duvido mais de nada, ou, se duvidar do que vejo, devo também duvidar de minha existência, para ser ao menos um cético lógico”.

8

As experiências do Dr. Albert De Rochas Os eflúvios ódicos magnéticos

A sensibilidade se exterioriza, conforme resultado das surpreendentes pesquisas do coronel Eugène Auguste Albert D'Aiglun De Rochas (1837-1914), expressas nas obras *Le Fluide des Magnetiseurs*, *Les Effleures Odique* e, principalmente, no seu mais conhecido trabalho, *Extériorisation de la Sensibilité*, repetidas pelo Dr. Luys (autor da interessante obra *Pheomees produits par l'action de médicaments à distance*). Tais experimentos foram verificados pelo Dr. Paulo Joire, que presidiu a Sociedade Universal de Estudos Psíquicos, com sede em Paris e pelo Dr. Hector Durville, continuador da obra do Barão Du Potet e, por longo tempo, diretor do *Journal du Magnétisme et du Psychisme Expérimental*. O Dr. Durville realizou notáveis pesquisas sobre o desdobramento do perispírito, e é autor de uma história do Magnetismo, de parceria com Paul C. Jagot.

O coronel De Rochas pôs várias pessoas em estado de sonambulismo, quando se manifesta a anestesia. E verificou que a ausência de sensibilidade cutânea não implica perda total da sensibilidade, mas uma simples exteriorização.

Constitui-se, em torno do corpo, uma série de camadas concêntricas, sensíveis aos eflúvios ódicos magnéticos.

Se a magnetização for profunda, forma-se em torno do sonâmbulo uma série de camadas por um intervalo de 6 a 7 centímetros, que representam o duplo da distância da primeira camada à pele, e o paciente não sente os contatos, as picadas e as queimaduras senão nestas camadas que se sucedem, algumas vezes, até 2 ou 3 metros, que se penetram e se entrecruzam sem se modificarem, ao menos de maneira apreciável, diminuindo a sensibilidade delas, proporcionalmente ao afastamento do corpo.

No fim de um tempo variável, geralmente depois da terceira ou quarta fase da letargia, as camadas concêntricas atingem dois pontos máximos de intensidade, um ao lado direito e outro ao lado esquerdo do paciente e aí se formam como que dois pólos de sensibilidade.

A introdução de certos objetos materiais no campo assim determinado, como por exemplo, um copo d'água, dá o seguinte resultado: a sensibilidade exteriorizada deposita-se na água, onde se conserva durante algum tempo. E a prova está em que o paciente percebe os menores contatos exercido sobre o líquido sensibilizado, e sente as mesmas impressões que sentiria em estado normal, por contato direto. E eis que a água representa a "múmia" do sonâmbulo, expressão do próprio pesquisador, o que prova que a concepção dos antigos alquimistas não eram um devaneio de imaginação delirante e isenta de saber exato.

"Lembrarei que, na primeira experiência que fiz" – elucida De Rochas –, "o sensitivo não podia saber o que eu ia fazer desde que eu mesmo não o sabia. Só tive a idéia de ensaiar com ele a exteriorização da sensibilidade, depois que ele estava em estado sonambúlico.

"Quando o copo d'água não mais está em suas mãos,

mas colocado detrás dele, sente a picada e, entretanto, não pode ver. Também nada pode ouvir, porque o movimento de enfiar um alfinete na água não produz outro ruído senão qualquer outro movimento, em conseqüência do qual ele não reage.

“Quando o sensitivo tem nas mãos o copo d’água, se pico as paredes do copo, o sensitivo experimenta certamente uma sensação de contato. Se houvesse auto-sugestão, é então que esta deveria desenvolver-se. Não há, todavia, nada disto, ela nada sente; mas se pico a água sem tocar no copo, isto é, sem que possa experimentar a menor sensação direta, ele testemunha que sente a picada.”

De Rochas cita, ainda, um outro surpreendente exemplo de exteriorização da sensibilidade:

“Depois de ter posto o meu sensitivo em estado de sonambulismo, conduzi-o diante de uma parede e dispus as luzes de modo que a sua sombra fosse projetada exatamente sobre a parede. Sugeri-lhe, então, que a sua sensibilidade seria levada inteiramente sobre sua sombra, isto é, que ele sentiria tudo o que fosse feito à imagem projetada na parede. Piquei à parede em torno da sombra do sensitivo em diversos pontos, ele não se mexeu e não exprimiu nenhuma reação. Então piquei sobre a própria sombra e logo o sensitivo fez um movimento brusco e levantou-se vivamente. Recomecei em diversos pontos fora de sua sombra, ele não sentiu absolutamente nada, mas desde que a sombra era tocada a sensação aparecia mais viva que na maioria das outras experiências. O sensitivo se lamentava da cabeça, quando piquei a sombra na cabeça, e sentia dor no braço ou na perna, quando eu picava a sombra desses membros na parede. E quando num dado momento, passei a mão na parede onde estava a sombra da cabeça, ele dizia: “vós me arrançais”.

As experiências que o Dr. Albert de Rochas acaba de relatar dão lugar a algumas observações interessantes. Inicialmente, a exteriorização da sensibilidade no grau em que o ilustre pesquisador descreve é um fenômeno raríssimo, seja porque não se testemunha senão no estado de hipnose, ao qual poucos sensitivos são susceptíveis de chegar; seja antes porque constitui uma das faculdades especiais ainda pouco conhecidas, mais ou menos desenvolvidas em certas criaturas, mas que não atingem um grau muito alto senão num pequeno número de casos. O sensitivo que De Rochas observou apresenta esse fenômeno no terceiro e, mesmo, no segundo grau do sonambulismo. Ele próprio admite que foi a primeira vez que encontrou esta exteriorização da sensibilidade desde vários anos que a procurava.

“Agora, indaga o autor de *L'Exteriorisation de la Sensibilité*, como poderemos explicar esses fenômenos de exteriorização da sensibilidade? Direi a seguir que constatei o fenômeno e o fiz constar por numerosas testemunhas. Mas até agora não lhe encontro nenhuma explicação satisfatória.”

Contentemo-nos, então, com as lúcidas palavras do erudito Barão Carl du Prel, que deixaram entrever, por analogia, o modo por que a influência magnética revela faculdades enigmáticas no ser humano:

“Todos os objetos da Natureza possuem forças latentes que se relacionam com a própria essência do seu ser, e quando fazemos surgir essas forças pela experimentação, tais objetos mostram novas qualidades, e nos podem revelar relações novas como conjunto da Natureza. Quando, por exemplo, fazemos passar uma corrente elétrica através de um condutor, este se torna magnético e até polarizado magneticamente, isto é, fica em relação com o todo terrestre, com o magnetismo terrestre. O homem, soma de todas as

forças da Natureza, seu mais alto produto, sua profunda e enigmática expressão, deve contar as mais consideráveis potencialidades. Se o pusemos em estado de sonambulismo por meio do Magnetismo Animal, suscitar-se-ão novas relações com a Natureza, em contradições aparentes com as leis da Fisiologia". (*La Magie*).

Estas relações, permitimo-nos acrescentar, podem manifestar a transmissão de pensamento, a clarividência, a dupla vista e a ação à distância. Não são milagres, mas expressões de um sexto sentido, denominação do Dr. Charles Richet(*) que, latente no ser, emerge insopitável, imprevisível e, não raro, incontrolável. O Magnetismo Animal não evocaria tão maravilhosa faculdade no homem, se lhe não penetrasse a própria essência. Eis aí por que a descoberta de Mesmer é tão importante para a solução do enigma humano. Ele revela não somente o que é latente no homem, como ainda sua natureza transcendental, que a luz de nossa consciência ainda não consegue desvendar.

(*) A expressão "sexto sentido", de Charles Richet, para designar o conhecimento de fatos de origem psíquica, sofre outras denominações, embora preserve o seu significado essencial, através do tempo. Richard Burton fala em "extrasensuous perception"; Frederic H. Myers em "telestesia"; Sra. Henri Sidgwich: "supersensory perception"; René Sudre: "metagnomia"; Eugéne Osty: "perception supranormale"; H. L. Frich: "extrasensory cognition"; J. B. Rhine: "extrasensory perception (esp)"; Whatly Carington e S. G. Soal: "non sensory cognition"; Robert Thouless: "psi function".

9

As experiências de Émile Boirac

Émile Boirac (1851-1917), em *L'Avenir des Sciences Psychiques* (edição de 1917), inclui um artigo que publicou em um jornal literário, de março de 1895, versando sobre o processo de exteriorização da sensibilidade, de que foi pioneiro o Dr. Albert De Rochas. Eis os termos do referido artigo: (*)

“Meu amigo e antigo professor, o Sr. X, me havia convidado para experiências de Magnetismo, que devia fazer naquela noite. Como eu lhe perguntava, alguns dias antes, o que se devia pensar das experiências do Sr. De Rochas, sobre a sensibilidade exteriorizada, ele me respondeu:

(*) Émile Boirac, investigador metapsiquista francês, reitor das academias de Grenoble e Dijon, publicou manuais de psicologia, filosofia e pedagogia, notáveis por sua clareza e riqueza de pensamento. Através do Magnetismo e do Hipnotismo, Boirac abordou o estudo dos fenômenos paranormais nas seguintes obras: *Psychologie Inconnue* (1908), que mereceu o prêmio Fanny Emden da Academia de Ciências de 1911. Trata-se de uma obra que renova as posições a favor do Magnetismo e o Espiritismo; *L'Avenir des Sciences Psychiques* (1917) e *Traité de Philosophie*.

“Venha à minha casa, domingo à noite, pelas nove horas, e tentarei reproduzi-las em sua presença. Julgará por si mesmo.

“Às nove, pois, eu cheguei à casa do Sr. X, onde encontrei um jovem de 15 a 16 anos, robusto, de traços regulares, olhar vivo e direto; e minha primeira surpresa foi saber que esse jovem, originário dos Pirineus, era justamente o sensitivo sobre o qual deviam ser feitas as experiências.

“Talvez me lembre, disse-me o Sr. X, as notas publicadas nos jornais, sobre os fenômenos extraordinários, descobertos pelo Sr. De Rochas. Confesso que estava bem disposto a partilhar da opinião das pessoas que não vêem nessa pretensa ‘exteriorização da sensibilidade’ senão efeitos da sugestão, talvez mesmo simulação, duas causas de erro muito freqüentes e muito poderosas nessa ordem de experiências. As pessoas que assim falam eram, quase todos, médicos, cuja opinião tem autoridade na matéria: eles declaram jamais terem observado nada de semelhante. Entretanto, em junho último, quando eu acabava de adormecer pela segunda ou terceira vez um sensitivo, não este que você viu, mas um jovem operário parisiense, mais ou menos da mesma idade, de repente tive a idéia de tentar a experiência. Fiz trazer um copo, com água até a metade e, sem comunicar a ninguém a minha intenção, coloquei-o nas mãos do sensitivo, previamente adormecido. Eu quase não esperava obter êxito, porque, conforme havia lido, o fenômeno tinha como condição necessária um estado particular do sono, uma espécie de sono à quarta ou quinta potência. Ora, o meu sensitivo acabava de ser adormecido nalguns segundos, pela fixação do olhar. Entretanto, ao cabo de dois ou três minutos, retirei o copo, afastei-me três ou quatro metros e bruscamente mergulhei os dedos na água. Instan-

taneamente, o sensitivo, que se mantinha de pé, com os olhos fechados, estremeceu, como que atingido por uma descarga elétrica. Interrogado, respondeu-me que eu acabava de o ferir na mão, e indicou aquela que tinha posto em cima do copo. Mexi a água entre os meus dedos; logo ele se pôs a gritar que lhe doía, que lhe torcia a mão e imitava na mão o gesto que eu acabava de fazer na água. Os mesmos fenômenos ocorriam, quando me colocava a três ou quatro metros, às suas costas. Desde então renovei e variei essas experiências com o mesmo sensitivo, com um segundo, operário parisiense como ele, enfim com o montanhês que você acabou de ver. Essas experiências deram resultados que concordam em todos os pontos essenciais e que, talvez, publique um dia. Mas esta noite eu queria ensaiar algo de novo.

“O professor X pretendia realizar a experiência da exteriorização da sensibilidade, com o sensitivo em estado de vigília.

“Assim, fez o jovem montanhês vir à sala onde nos encontrávamos e, quando ele se sentou, pôs-lhe entre as mãos um copo com água até a metade. Eu examinava o sensitivo com curiosidade: evidentemente estava bem desperto e respondia, sem embaraços a todas as perguntas. Parecia sobretudo intrigado com esse copo d’água, que esquentava entre os dedos. Depois de alguns instantes, o professor lhe pinçou levemente o punho, perguntando-lhe se sentia alguma dor. Ele respondeu: ‘absolutamente!’. Repetido o pinçamento um ou dois minutos depois, veio esta resposta: ‘eu não sinto mais nada!’. Então começou, para nós, a mais admirável série de fenômenos que seja possível observar.

“Tendo o Sr. X simulado pinçar o ar alguns centímetros acima do punho, o sensitivo teve um sobressalto, dizendo

que lhe faziam mal. O copo foi retirado e nós estudamos essa estranha sensibilidade assim projetada fora da pele, a uma distância de cerca de doze centímetros. Por mim mesmo constatei que todos os pinçamentos feitos sobre a pele deixavam-no insensível, mas bastava pressionar ou torcer o ar acima, para fazê-lo tremer e até gritar.

“O sensitivo não nos olhava com a mesma confiança; punha-se na defensiva. Assim, quando o professor tomou o copo, ele perguntou, apreensivo, se ainda lhe iam fazer mal; e foi preciso prometer que se procederiam com cautela. Mas apenas o Sr. X tocou na superfície da água, e o sensitivo estremeceu, dizendo que acabava de ser tocado, e indicava o epigastro. Foi ainda no epigastro que ele percebeu as vibrações de um relógio posto em cima do copo. Movimentos giratórios, suaves, imprimidos no líquido lhe faziam, dizia ele, girar o coração; acelerados, provocavam uma espécie de dança do ventre, que nos pediu parássemos imediatamente. De repente, tendo o Sr. X soprado ligeiramente no copo, vi o jovem fechar os olhos e cair imediatamente em sua poltrona, como se ferido por um raio. Esse sopro o havia adormecido. Ministrados alguns passes, ele despertou, parecendo não suspeitar o que acabara de acontecer.

“Se eu não tivesse visto esses fenômenos, certamente acusaria de impostura aquele que nos relatasse. Decididamente, concluiu Émile Boirac – se esta nova ciência persistir em suas pesquisas, as gerações vindouras verão coisas estranhas...! muito estranhas!...”

10

Biômetro de Baraduc e a fotografia da força psíquica

Hippolyte Baraduc, desencarnado em 1909, autor de várias e importantes obras sobre o Magnetismo, em que se destacam *Photographie des États Hypervibratoires de la Vitalité Humaine* (1896) e *Iconographie de la Force Vitale Cosmique Od* (1897), fabricou um aparelho denominado BIÔMETRO, com o qual conseguiu medir a força psíquica. (*)

Este aparelho compõe-se de uma agulha de cobre suspensa por um fio de seda, acima de um quadrante numerado, tudo isso disposto dentro de um globo de vidro, ao abrigo do ar e das influências exteriores. Nessas condições, a agulha pode ser influenciada sem contato, através do vidro, pelas irradiações que se escapam da mão do experimentador, colocado à distância. Por esse processo se obtém desvios da agulha, que variam entre 40 e 75 graus

(*) Hippolyte Baraduc ainda publicou as seguintes obras: *A Biométrica Aplicada e Eletroterapia* (1889); *Diferença Gráfica dos Fluidos Elétricos* (1895); *A alma Humana, seus Movimentos, suas luzes e a Iconografia do Invisível Fluídico* (1896); *A atmosfera Fluídica do Homem; Meus Mortos, suas Manifestações, suas Influências* (1908).

nos dois sentidos, sendo a agulha atraída ou repelida conforme o estado de saúde ou das disposições mentais das pessoas. Em geral, a mão direita atrai e a esquerda repele.

A força psíquica pode influenciar a agulha através de um pedaço de vidro de dez centímetros de espessura, através de uma lâmina de mica, de alúmen etc.

O Dr. Baraduc – informa Léon Denis, em *No Invisível* efetuou (conforme exposição na “Resenha do Congresso Espírita e Espiritualista”, de 1900), no espaço de dez anos, mais de duas mil experiências que lhe permitiram estabelecer, com a mais rigorosa exatidão, a existência dessa força e a intensidade de sua emissão ou o grau de atração sobre ela exercida, segundo o vigor ou a debilidade de nossa natureza.

Em nota de rodapé, Léon Denis observa que uma objeção tem sido feita no sentido de que os desvios da agulha se podiam explicar pela ação calorífica dos dedos. Essa ação se exerce, evidentemente, em um certo limite; além dessa, porém, existe uma outra ação que se não pode explicar senão pelo dinamismo vital. Suprimida, com efeito, a influência do calor pela interposição de uma lâmina de alúmen ou um pedaço de vidro entre o aparelho e a mão, apesar disso produzem-se desvios, sendo estes em sentidos opostos, na mesma extremidade da agulha, conforme se apresenta a mão direita ou esquerda. Sendo a mesma, nos dois casos, a posição da mão, não poderiam as vibrações caloríficas agirem ora em um sentido ora em outro, pois que irradiam, identicamente, do mesmo modo nos dois casos.

As experiências de Baraduc assumem, a despeito do tempo em que foram realizadas, profunda importância para o conhecimento da bioenergia. As pesquisas atuais sobre o palpitante assunto tendem a consolidar as conclusões a que

chegou o notável pesquisador francês.

“É todo um mundo novo” – sentencia o Prof. J. H. Pires – “que se abre aos nossos olhos, no momento em que a Fluídica se erige em técnica independente e já começa a transformar-se em nova Ciência. O éter espacial, os fluidos, o od de Reichenbach e outras velharias estão ressuscitando na Física atual e exigindo novas observações.”

E conclui:

“Um novo mundo complexo, maravilhoso, feito de fluidos e vibrações se ergue diante de nós”.

11

As experiências de William Crookes

As experiências de William Crookes (1832-1919) ainda são mais demonstrativas. Operando em seu próprio laboratório com o médium Daniel Dunglas Home, serviu-se o eminente sábio de uma balança de grande precisão. A mão do médium chegou a influenciar o aparelho, sem contato, a ponto de produzir desvios de uma das conchas e aumentou o peso até meio quilo, aproximadamente. A experiência foi repetida várias vezes, sob as mais rigorosas condições de verificação em presença de diversas testemunhas, com o auxílio de aparelhos construídos com o máximo cuidado e de uma extrema sensibilidade. Todas as precauções foram tomadas para excluir a possibilidade de qualquer fraude. (Vide: *Recherches sur le Spiritualisme*, de autoria de William Crookes.)

As irradiações da força psíquica podem ser fotografadas. Se, em completa obscuridade, coloca-se a mão acima de uma placa sensível imergida no banho revelador, ao fim de alguns minutos de exposição verifica-se que se acha impressionada. Se a ela aderiram os dedos, e a mancha que cada um deles produziu, se vê em, como de outros tantos

focos, desprenderem-se, e irradiarem em todos os sentidos, ondulações, espirais, o que demonstra que a força psíquica, como os raios ultravioletas ou os de Roentgen, atuam sobre os sais de prata.

Esse fenômeno foi posto em evidência, pela primeira vez, em 1872, pelas experiências dos Drs. John Beattie, Taylor, Dr. Thompson, Professor Wagner e outros. A placa colocada a seco sobre a fronte, o coração ou a mão, lhes reproduz as irradiações dos sentimentos, das emoções. A cólera, a dor, o êxtase, a prece, o amor têm as suas irradiações especiais. Assim, a placa fotográfica, esse “olhar lançado ao invisível” vem a ser o irrecusável testemunho da irradiação da alma humana. A propósito, Léon Denis revela no livro *No Invisível*:

“Fizemos diversas vezes experiências com placas fotográficas: colocadas as extremidades dos dedos sobre a placa mergulhada no banho revelador, elevando-se o pensamento, num subitâneo e ardente impulso, fizemos uma prece; verificamos, em seguida, que as irradiações adquiriram no vidro a forma particular – de uma coluna de chamas que se eleva de um jato. Esse fato demonstra, não somente a ação do nosso pensamento sobre os fluidos, mas também quanto influem as nossas disposições psíquicas sobre o meio em que operamos, e lhe podem modificar as condições vibratórias.

Observação: Embora se impute a William Crookes a autoria da expressão “Força Psíquica”, afirma Camille Flammarion que já a havia empregado em 1865. Eis o que este diz a respeito:

“Creio ter sido eu o primeiro a empregar a expressão ‘Força Psíquica’. Encontra-se ela na primeira edição (1865) da minha obra: *Les Forces Naturelles Inconnues*. Foi só a partir de um terço do século para cá que passou a ser parte da

linguagem comum”.

Em *La Mort et son Mystère*, Flammarion volta ao assunto e declara, mais uma vez, que a expressão fora proposta naquele ano, isto é, 1865.

Flammarion está certo. William Crookes começou a se interessar pelos fenômenos psíquicos em 1870. Fê-lo por solicitação, em 1869, dos dirigentes da “Sociedade Dialética”, de Londres, então presidida por Sir John Lubbock. (*) Crookes entregou-se, a partir daí, de corpo e alma às investigações (1870-1874) com os médiuns Daniel Dunglas Home, Kate Fox e Florence Cook. Crookes empregou então a expressão “Força Psíquica”; naturalmente não a vira em Flammarion, como, segundo declaração sua, não tomara conhecimento da “Força Ectêmica” do Dr. Marc Thury (1822-1905), professor de Física e História Natural da Faculdade de Genebra; se a houvera conhecido três meses antes – declara ele em *Recherches sur les Phénomènes*

(*) A Sociedade Dialética de Londres, fundada em 1867, sob a presidência de Sir John Lubbock, resolveu em 26 de janeiro de 1869, nomear uma Comissão para analisar os fenômenos espíritas. A maior parte dos integrantes dessa Sociedade não admitia a imortalidade da alma e as suas manifestações após a morte. Acreditava-se que os resultados a que chegariam a douta Comissão, revelariam o embuste dos médiuns. Mas, o “tiro saiu pela culatra”, uma vez que a Comissão, por unanimidade, concluiu pela veracidade da fenomenologia espírita. À frente dessa Comissão estava naturalmente Alfred Russell Wallace, êmulo de Charles Dawin.

Se prevaleceu a denominação “Força Psíquica”, e se a consideraram de autoria de Crookes, é em virtude não só do alto prestígio científico do sábio inglês, mas, também, pelo extraordinário êxito de suas pesquisas, que culminaram na descoberta do Tálcio, do eletroscópio, do fotômetro de polarização e do microspetroscópio e dos raios catódicos, de cujo conhecimento provieram os raios X, de Roentgen.

du Spiritualisme, Nouvelles Expériences sur la Force Psychique,
tê-la-ia adotado em lugar de “Força Psíquica”.

12

Fotografia do Pensamento

Um dos assuntos mais instigantes da pesquisa psíquica é a que trata da fotografia do pensamento, em que as imagens registradas no filme são impressas através da força psíquica.

O mais famoso e, talvez, mais controvertido sensitivo que atuou nesta área foi Ted Serios, que morava em Chicago. Mensageiro desempregado e beerrão inveterado, ele, na década de 1960, prestou-se a várias experiências e reproduziu fotos através desse processo incomum.

Ficava ele diante de uma câmara Polaroid e, aparentando grande esforço físico, concentrava-se em qualquer coisa existente, porém distante, enquanto alguém batia as fotos. Dispensava a câmara escura, o que já eliminava a possibilidade de fraude, além de se submeter a cuidadosa vigilância. Utilizava, apenas, um tubo, de papelão ou plástico, que ele mesmo segurava em frente à lente.

Os defensores de Serios são unânimes em afirmar que ele nunca fora flagrado em fraude.

Nem todos os sensitivos com tal faculdade usaram a mesma técnica.

Na fotografia do pensamento, a chapa é diretamente colocada na frente do sensitivo, que se concentra, intensa-

mente, na imagem a ser exteriorizada e registrada.

Na década de 1970, um japonês chamado Masuaki Kiyota produziu vários instantâneos de fotos de pensamento, utilizando uma câmara tampada.

Ainda não se tem uma explicação exata de como isto funciona, mas hipóteses já foram aventadas. Uma diz que esses *fotógrafos mentais* usam a força psíquica para manipular as partículas químicas no filme; outra afirma que são criadas imagens invisíveis que a câmara registra.

Algumas vezes, porém, o papel que, sensibilizado, impressiona-se diretamente. Essas manifestações, obtidas à revelia da máquina fotográfica, foram designadas, na América, pela palavra psicografia. Mas, e como observa o Prof. Ernesto Bozzano, esse vocábulo já se empregava nos fenômenos de escrita mediúnica. Admitiu-se, posteriormente, a palavra escotografia (impressão na obscuridade, por antinomia de fotografia propriamente dita, por impressão luminosa). Trata-se de uma impressão proposta pela pesquisadora Felícia Scatcherd, que se tornou célebre por experiências dessa natureza.

A propósito de escotografias como de fotografias do pensamento, convém notar, esclarece o Prof. Bozzano, que os resultados obtidos, quando o experimentador se propõe a realizá-las e concentra o pensamento em dada imagem, limitam-se a coisas muito simples, tais como esferas, triângulos, garrafas, bengalas, sem atingir, jamais, imagens complexas, a exemplo de um rosto ou uma forma humana.

Os melhores resultados com a reprodução de fisionomias e de indivíduos foram obtidos fortuitamente, isto é, quando não havia propósito de fotografar uma forma pensamento, ou seja, uma escotografia.

Deve-se ressaltar que as primeiras experiências no campo da *fotografia do pensamento* remontam ao ano de 1896,

quando o Comandante Daget (1849-1923), convencido de que o pensamento é uma força exteriorizável, resolveu concentrar o próprio pensamento em determinada imagem a fim de o projetar sobre uma placa fotográfica.

A 27 de maio de 1896, o Comandante Darget fixou, em chapa sensibilizada, a imagem nítida de uma garrafa, na qual pesou com tanta intensidade que provocou-lhe fortíssima dor de cabeça. A *Revista Científica e Moral do Espiritismo* reproduziu essa escotografia, causando expressiva repercussão nos meios científicos da época, dividindo-se as opiniões entre a crença e a descrença.

Perseguindo na experiência, Darget conseguiu a escotografia de uma bengala e de um pássaro. Depois, enfraqueceu-se rapidamente a faculdade até que, sem que se possa explicar, desapareceu de todo.

Na mesma época, o norte-americano Inglês Rogers, num golpe do acaso, iniciou notável trabalho no campo da *fotografia do pensamento*. Quando, na câmara escura, desenvolvia as suas chapas, aconteceu fixar, fortuitamente, uma chapa diante de si mesmo, ao tempo em que fixava o pensamento em algo completamente estranho ao que fazia. Ao revelar a chapa, nela estava impresso aquilo em que pensou. Decidiu, então, repetir a experiência, mentalizando uma moeda, e obteve resultado positivo.

O Prof. Bozzano relata em sua obra *Pensamento e Vontade*, traduzida e publicada, no Brasil, pela Editora FEB, as experiências de fotografia mental desenvolvidas pelo Coronel De Rochas. Eis os fatos relatados pelo autor de *A Levitação*:

“Na minha presença, certo dia, quis o Sr. M. De Watteville fotografar Eusápia Paladino entre o Conde De Gramont e o Dr. Darrieux.

“Feita a pose, pilheriava eu com o Dr. Darrieux a

propósito da sua pequena estatura, e por ele haver metido a mão na cava do colete, dizendo-lhe que, nessa atitude, lembrava Napoleão Bonaparte.

“A pose não se modificou por isso, mas, o que ninguém previa era o perfil de Napoleão a se destacar, nitidamente, no fundo e acima da beirada de um vaso, à guisa de pedestal, sem que algo pudesse explicar essa aparência, a despeito das várias experiências feitas no mesmo local.

“Ainda hoje, a mim mesmo pergunto se o nome de Napoleão não teria despertado em Eusápia a lembrança de um busto por ela visto, e se tal lembrança não teria coagulado a matéria fluídica que emana constantemente das suas zonas hipnógenas.”

O coronel De Rochas, no caso supra, explicou o fenômeno como se a matéria fluídica, emitida pela médium, se tivesse condensado em torno da imagem mental aflorada involuntariamente na mente de Eusápia Paladino, concretizando, desse modo, a fotografia mental.

Mais expressivas e contundentes foram as experiências da pesquisadora Felícia Scatcherd que, por quarenta anos, realizou pesquisas nas áreas da radiografia, da *fotografia transcendental* e da *escotografia*. Ela teve ocasião de participar de memoráveis e históricos experimentos com o Comandante Darget, com o Dr. Baraduc, com Guillaume de Fontenay e com Arcediago Thomas Colly, ardente investigador psíquico inglês, desencarnado em 1912.

Durante uma conferência realizada na sede da “Aliança Espiritualista de Londres”, no dia 3 de fevereiro de 1921, Felícia Scatcherd relatou os trâmites das experiências realizadas com Thomas Colley, concernentes ao perturbador fenômeno da *fotografia do pensamento*. Colley contrariava-se frequentemente com o fato de, nas *fotografias transcendentais*,

a cabeça do Espírito ficar sempre envolta em uma nuvenzinha circular, em forma de auréola.

Ora, um dia ele tirou uma fotografia em companhia de um amigo, porém, desta feita, por motivos inteiramente alheios às pesquisas que, então desenvolvia. Ao ser revelada a chapa, qual não foi sua surpresa ao verificar que sua própria cabeça estava envolta em pequena nuvem semelhante a um halo. Observando esta fotografia, Felícia Scatcherd perguntou a Colley em que pessoa houvera pensado no momento da pose. Ele hesitou por instante e logo confessou que, realmente, estava preocupado com a situação de um outro amigo que, naquela ocasião, estaria passando por uma crise moral. Exatamente, naquele momento, lembrara-se de fazer uma oração íntima em favor do amigo.

“Neste caso – retrucou Felícia –, espero que, doravante, não se aborreça com o aparecimento das auréolas espíritas, reconhecendo-lhes o extraordinário valor técnico na fotografia.

E, concordando com o Prof. Ernesto Bozzano, os casos de *fotografias transcendentales* se dão por um processo misterioso, ainda não desvendado, que atua diretamente sobre a chapa, nelas imprimindo formas que podem ser de origem espiritual (imagens de Espíritos desencarnados) ou de origem anímica (formas-pensamento).

13

A radiestesia – Radiação e sensibilidade

Radiestesia (também conhecida por rabiomancia) é um vocábulo formado do latim *radium* (radiação) e do grego *aesthesis* (sensibilidade). Os povos antigos praticavam a radiestesia – entre os quais gauleses, hebreus, citas, persas, etruscos, gregos, romanos, indianos, chineses, polinésios e outros. Nas cavernas de Tossili, nos montes Atlas, foram encontrados pinturas rupestres mostrando um feiticeiro, rodeado de companheiros, prospectando água com o auxílio de uma vara. A datação pelo carbono 14 revelou que essa cena pré-histórica tem, pelo menos, oito mil anos de idade. No Velho Testamento há vários registros sobre o emprego desta inusitada e antiquíssima técnica (Êxodo 17.5.-6). Durante a Idade Média o uso da forquilha popularizou-se e bastões, bordões, cajados e bambus serviam para prospectar águas subterrâneas. A bibliografia sobre a varinha mágica é imensa. O Conde Kasrl von Klinckowstroem apresenta em sua obra *Bibliographie der Wunschelrute* (Berlim, 1911), uma relação de 475 títulos de trabalhos sobre a radiestesia, de 1532 a 1911. Entre as primeiras publicações destacam-se.

— *De re Metálica*, escrita por volta de 1550 pelo mineralogista alemão Georg Agrícola (1490-1555).

— *A vara de Jacó, ou a Arte de Descobrir Tesouro (enterrado)*, de Jean Nicolas, publicado em Lyon, França, 1639, traduzido para o inglês sob o título de *Jacob's Road* (Londres, 1875).

— *La Physique Occulte, ou Traité de la Baguette Divinatoire*, Amsterdam, Holanda, 1696, de Lorrain de Vallemont.

— *Mémoire Physique et Medicinal, Montrant les Rapports Evidents entre les Phénomènes de Boguette Divinatoire, du Magnétisme et de L'Electricite*, Paris, de 1781, de Pierre de Touvenel.

Sir William Barret e Theodore Bestarman, em *The Divining-Rod*, dedicam dezenas de páginas aos resultados das pesquisas sobre radiestesia. Ambos os autores desenvolveram notáveis investigações no campo da fenomenologia espiritual, incluindo a *radiestesia*, publicando inicialmente as suas conclusões no *Journal da Sociedade para Pesquisas Psíquicas – SPR*, de Londres e no *The Occult Review*.

James George Frazer, antropólogo escocês (Glasgow 1854 – Cambridge 1941) em seu livro *O Ramo de Ouro* (1890 – 1915) Londres, refere-se “às superstições que, nos primeiros tempos, estavam ligadas à arte de descobrir água”(…) “pessoas imaginavam que, se cortassem um ramo de aveleira na véspera do começo do verão, servir-lhes-ia ele de varinha mágica para descobrir tesouros e água. Essa crença existiu na Morávia, em Mackienburgo e, ao que parece, na Escócia. No mercado de Brandenburgo, dizem que, se se quisesse conseguir um vara mística, dever-se-ia ir até a aveleira, à noite, caminhando de costas, e quando se chegasse à moita, colocasse silenciosamente as mãos entre as pernas e cortasse uma vara bifurcada; seria ela a vara mágica e, como tal dúvida quanto à qualidade da vara, ter-

se-á apenas de segurá-la na água, pois, nesse caso, ela guinchará como um porco, o que não se dará com a vara ilegítima”.

Verificou-se, posteriormente, que a espécie de madeira não era tão importante quanto a sensibilidade paranormal de quem manipulava a vara. Com o tempo, utilizou-se uma mola de aço, em lugar do ramo bifurcado de madeira, chegando-se a empregar um “pêndulo de explorar”, que é um pequeno peso suspenso por um cordão resistente.

Segundo os *experts*, Jacques Aymar teria sido um dos mais importantes rbdomantes do século XVIII. O seu sucesso era devido a um pacto que fizera com o demônio. As atividades de Aymar foram relatadas por La Lorrain de Vallemont, em seu livro antes citado, bem como por Pierre Le Brun em sua *Histoire Critique de Pratiques Superstitieuses* (1702).

Mais tarde, já no século XIX, o Conde Agénor Gasparin (Orange, França, 1810 – Genebra, 1871), um dos primeiros estudiosos dos fenômenos paranormais, em sua obra *A Treatise on Turnintg Tables, the Supernatural in General and Spirits* (1857), afirma que Aymar “era perito em descobrir fontes de água e metais ocultos”. No início, o rbdomante era perfeitamente honesto; entretanto, e ele mesmo admitiu, agia, vez por outra, com desonestidade: fora tentado a enganar por causa da evidente disposição de seus semelhantes de serem enganados...

Em *The Night Side of Nature*, Londres, 1852, Catherine Crowe, conta um caso realmente extraordinário atribuído a Jacques Aymar. Com o auxílio de sua varinha mágica desvendou um duplo assassinato, ocorrido no dia 5 de julho de 1692, numa adega na cidade de Lyon, França.

Nos finais do século XVIII, assume importância a figura de Barthelmy Bléton. Quando ainda criança, Bléton sentia

febre e fraqueza quando eventualmente andava em lugares que se supunha haver lençóis subterrâneos de água. Mais tarde, já adulto, Bléton andava de ordinário, com a sua “varinha mágica”, sempre disposto a se submeter a qualquer tipo de experiência: todas demonstraram que o rãbdomante era possuidor de extraordinária sensibilidade. Entretanto, por questão de preconceito ou incompetência houve quem depusesse contra o sensitivo, considerando-o fraudulento, mistificador, etc.

O Barão Karl Luís von Reichenbach (1788 – 1869), químico alemão, publicou, em 1845, uma série de memórias, traduzidas para o francês sob o título: *Les Phénomènes Odiques* (ed. Flammarion, Paris, 1907). Nesta obra Reichenbach sustenta a tese de que o corpo emite uma emanção (raios od) que é visível pelas pessoas sensitivas e pode ser transferida aos objetos. Em uma outra obra de sua autoria: *Physico-Physiological Researches on the Dynamics of Magnetism, Electricity, Light, Crystallization and Chemistry, and their relations to Vital Force*, traduzido para o inglês, por John Asburner, médico londrino, que anotou e divulgou o seguinte caso:

“Um grupo de senhores da sociedade estava reunida em uma propriedade nas proximidades de Aix, no sul da França, quando se informou que um camponês conhecido por ‘L’Homme à la Baguette’, havia descoberto água na propriedade. Mandaram chamá-lo. Ele trouxe consigo a sua varinha mágica, permitindo que todo o grupo experimentasse. Nada aconteceu, até que chegou a vez de Judith Milbanke: a varinha reagia perfeitamente em suas mãos. Ao retornar à Inglaterra, repetiu a experiência, com galhos de aveleira, sendo muito bem sucedida. E, como acontece a um autêntico *rãbdomante*, Judith não exercia, conscientemente, qualquer influência sobre o pedaço de madeira que segurava.

“Não faltou quem afirmasse que o fenômeno era produzido sob o patrocínio do demônio. Essa suposição encontrou fortíssimo apoio da religião, que tudo fazia para desestimular a sua prática. Conta-se o caso da filha de um negociante chamado Martin. A jovem era muito devota e crente convicta. Conhecendo os prodígios de Moisés e Jacó, imaginou que era inspirada por Deus (e não o demônio) quando segurava a varinha. A jovem Ollivet, em busca de relíquias sagradas, descobriu muitos ossos humanos de notório valor eclesiástico, sendo utilizada para desvendar o conteúdo secreto e sacrossanto das cripas multisseculares”.

Entre 1856 e 1896 foram publicadas duas edições do livro *L'Art de Découvrir les Souces*, do abade Paramelle, um dos maiores rbdomantes franceses, que desenvolveu sua atividade no sudoeste da França, onde se pensava não existir água subterrânea. O abade Paramelle descobriu vários lençóis do precioso líquido beneficiando as populações pobres da área. Uns atribuíram o sucesso do abade a Satanás; outros a Deus. “Se ele é feiticeiro – diziam os que se beneficiavam com a água encontrada –, não sabemos; uma coisa, porém, sabemos: estávamos perecendo por falta d’água e agora, graças ao seu auxílio, temo-la em abundância.”

Os rbdomantes têm afirmado que *forças poderosas atuam sobre a vara*. O rbdomante inglês William Stone relata, a propósito, o que se segue: “(...) quando caminhava segurando a varinha, senti uma torcida peculiar nela e decidi parar; mas, para minha surpresa a vara virou-se até quebrar em minhas mãos; descobriu-se embaixo, uma fonte de água corrente”.

Fato idêntico aconteceu com o rbdomante inglês Leicester Gataker, que terminou escrevendo um livro *The*

Theory of Water-Finding (1892), cuja terceira edição surgiu em 1995, com o título: *Spring of Water*, versando sobre a teoria e a prática da rãdomancia.

Hipótese sobre o mecanismo da radiestesia

Afirma-se que o grande momento da radiestesia iniciou-se nos olhares do século XX, com o abade Mermet, o primeiro a usar o pêndulo e firmar as regras de seu funcionamento. A partir daí, a radiestesia estendeu-se às diversas áreas do conhecimento humano, especialmente a agricultura – na escolha do solo, semente e adubos –, e a medicina, no diagnóstico de doenças e prescrição de medicamentos.

Dr. E. Saevarius, no livro *Manual Teórico e Prático da Radiestesia*, afirma que “os franciscanos das missões do Mato Grosso diagnosticavam as doenças dos moradores da vastíssima diocese de São Luís de Cáceres e de Guarajá-Mirim, graças ao pêndulo, receitaram-lhes remédios da terra, que sempre os curam”.

O último desses radiestesistas, frei Francisco Maria Herail, declarou, na década de 1980, em São Paulo, que “a radiestesia não é uma ciência bem definida, pois depende inteiramente da sensibilidade do operador. Como ela opera em um campo subjetivo, não podemos falar em leis absolutas”. A maior dificuldade na prática da radiestesia, para frei Francisco, é manter a neutralidade, pois não se deve dizer nem perguntar nada, apenas colocar-se no centro dos acontecimentos e esperar que o pêndulo se manifeste.

Na Inglaterra, Sir William Barret, após realizar demoradas e criteriosas pesquisas, concluiu que o movimento da varinha era um caso especial de automatismo motor

devido a sugestões subconscientes involuntários que surgem no espírito do rãdomante. Essas sugestões subconscientes podiam, às vezes, ser devidas “a alguma espécie de poder de percepção transcendente”. É de supor que a clarividência do sucesso dos rãdomantes “para a qual a ciência, atualmente, desconhece quaisquer motivos que a justifiquem”.

Cecil Maby e T. Bedford, membros de uma comissão de investigação da Sociedade Britânica de rãdomantes, publicaram uma obra *The Physics of the Diving Rod*, onde informam que, mediante pesquisas, provaram que existem radiações minerais e vitais – emanações ou ondas de alta frequência – que podem ser percebidas por certas criaturas humanas “sensíveis” e que, atuando sobre os músculos do rãdomante, provocam o movimento da vara. Esses investigadores estavam, na verdade, interessados na descoberta de uma explicação física para o fenômeno.

O certo é que, e em conclusão, o fenômeno da “varinha mágica” permanece um enigma, a respeito dos extraordinários avanços da ciência. E assim, o será até que o Espírito (encarnado ou desencarnado) seja considerado uma inequívoca realidade, gênese de todo o processo da existência.

14

A kirliangrafia – Um estado avançado do biômetro de Baruc

As pesquisas em torno das irradiações psíquicas levadas a efeito por H. Baraduc e William Crookes, se aprofundam, guardadas as devidas proporções, a partir do trabalho desenvolvido, inicialmente, por Semyon e Valentina Kirlian.

Contam Sheila Ostrander e Lynn Schroeder em sua obra *Psychic Discoveries Behind The Iron Curtain*, publicada no Brasil, pela Cultrix, sob o título *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*, que a primeira insinuação de que o corpo humano encerrava mais coisas do que haviam cuidado os próprios cientistas russos, teve início em 1939, em Crasnodar, no sul da Rússia, perto do Mar Negro:

“(...) Onde posso mandar consertar o meu equipamento técnico? – perguntou um cientista a um colega. Os concertos de qualquer tipo são um verdadeiro problema na Rússia, informam os autores supracitados. Nos institutos de pesquisas, nos laboratórios, nas empresas, todos concordaram: *Mandem chamar Semyon Davidovich Kirlian se quiser conserto bem feito. É o melhor eletricista de Crasnodar.*

“Kirlian foi chamado. No Instituto de Pesquisas em que ele teria de pegar o equipamento, viu, por acaso, a demonstração de um instrumento de alta frequência de eletroterapia. Enquanto o paciente recebia tratamento através dos eletrodos da máquina, Kirlian notou, de repente, um minúsculo lampejo de luz entre os eletrodos e a pele. *Conseguirei fotografar uma coisa dessa?*, conjecturou ele. E se eu pusesse uma chapa fotográfica entre a pele e o eletrodo?

“Mas os eletrodos eram feitos de vidro e a chapa fotográfica se estragaria se fosse exposta à luz antes de ligar-se à máquina. Teria de usar um eletrodo de metal, o que seria perigoso. *Não tem importância*, disse, ao ligar o eletrodo de metal à própria mão, *é preciso algum sacrifício pela ciência*.

“Ligou a máquina. Sentiu uma dor lancinante na mão, debaixo do eletrodo metálico. Era uma queimadura séria. Três segundos depois desligou a máquina e foi correndo mergulhar a chapa fotográfica na emulsão. À medida em que a fotografia se revelava no quarto escuro, pôde constatar nela uma estranha marca de luminescência nos contornos dos dedos.

“Estudei a fotografia com sofrimento, emoção e esperança, tudo combinado – afirma Kirlian –, teria eu uma descoberta nas mãos? Uma invenção? Ainda não estava claro.

“Ele descobriu que os cientistas já haviam observado esse fenômeno, que fora incluído em seus relatórios de pesquisas e depois esquecido. Kirlian tinha um palpite intuitivo de que estava na pista de alguma coisa. Persistiu. O seu talento e o seu engenho, altamente conceituados em eletrônica, entraram logo a funcionar no novo projeto.

“Outras técnicas de fotografia sem luz, raio X, raios infravermelhos, radioatividade de nada serviram. Ele teria de descobrir um processo inteiramente novo para registrar, em filme, a energia luminosa procedente do corpo humano.

“Com sua esposa Valentina, professora e jornalista, Kirlian inventou um método inteiramente novo de fotografia, que compreende catorze patentes.

“Basicamente, esclareceu Sheila Ostrander e Lynn Schroeder – a fotografia com campos elétricos de alta frequência envolve um gerador de oscilações elétricas, ou oscilador de alta frequência, capaz de produzir de 75.000 a 200.000 oscilações elétricas por segundo. O gerador pode ser ligado a vários grampos, chapas, instrumentos óticos, microscópios comuns ou microscópios eletrônicos. Insere-se o objeto que deverá ser investigado (dedo, folha etc.) entre grampos, juntamente com papel fotográfico. Ligando-se o gerador, cria-se um campo de frequência entre os grampos que provoca, aparentemente, a irradiação de uma espécie de bioluminescência dos objetos para o papel fotográfico. Não se faz mister uma câmara para o processo da fotografia”.

As primeiras fotografias foram uma “janela aberta para o desconhecido”, afirmaram os Kirlian. Posta no campo de uma corrente de alta frequência, uma folha arrancada de uma árvore, revelava miríades de pontos de energia. Ao redor das bordas das folhas viam-se desenhos turquesinos e vermelho-amarelados de clarões saídos de canais específicos da folha. Um dedo humano colocado no campo de alta frequência e fotografado, parecia um complexo mapa fotográfico, com linhas, pontos, crateras de luz e clarões. Algumas partes do dedo semelhavam uma casca de abóbora esculpida com uma luz a brilhar no interior.

Mas as fotografias mostravam apenas imagens estáticas. Os Kirlian não tardaram a aperfeiçoar um instrumento ótico para poder observar diretamente o fenômeno em andamento. Kirlian colocou a mão debaixo da lente e ligou a corrente. E um mundo fantástico, nunca visto revelou-se diante de ambos os pesquisadores russos. A própria mão

parecia a Via Láctea num céu estrelado. Sobre um fundo azul e ouro, o que estava acontecendo na mão de Kirlian lembrava um espetáculo de fogos de artifício! Clarões multicoloridos se acendiam, seguidos de centelhas, cintilações, relâmpagos! Algumas luzes brilhavam como pistolões, outras fulguravam e depois se apagavam. Outras, ainda, luziam a intervalos. Em certas partes das mãos havia nuvenzinhas escuras. Resplendores serpenteavam ao longo de labirintos que faiscavam como espaçonaves a caminho da outras galáxias...

Que significavam aqueles clarões? Que estavam iluminando? As centelhas que pulsavam não se movimentavam ao acaso. O seu jogo parecia obedecer a leis. Mas que leis eram essas?

Os Kirlian examinaram todas as substâncias concebíveis sob microscópio de alta frequência: couro, metal, madeira, folha, papel, moedas, borracha. O padrão luminescente diferia em cada um deles; mas as coisas vivas apresentam detalhes estruturais inteiramente distintos das coisas inanimadas. Uma moeda de metal, por exemplo, mostrava apenas um brilho regular em toda a sua volta. Mas uma folha viva continha milhões de luzes faiscantes, que reluziam como jóias. Os clarões em torno de suas bordas eram individuais e diferentes.

Por volta de 1949, os Kirlian tinham uma série completa de instrumentos que lhes permitiam examinar o jogo das correntes de alta frequência em seres humanos, animais, plantas e objetos inanimados. Concluíram, então, que já tinham aperfeiçoado bastante a técnica para mostrar os seus resultados a biólogos, fisiólogos, botânicos e outros cientistas. Não tardou que os luminares do mundo científico soviético se deslocassem para Crasnodar: biofísicos, médicos, bioquímicos, peritos em eletrônica, crimino-

logistas, todos iam bater à porta da casinha de madeira, onde morava o casal já famoso, que se erguia na Rua Kirov, em Crasnodar.

Alguns institutos e laboratórios começaram a levar centenas de “pacientes verdes”: folhas de parreira, macieira, fumo etc. Em todos os casos, os Kirlian puderam verificar se a planta se achava doente não muito tempo antes de se registrarem quaisquer alterações físicas patogênicas nas folhas ou nas plantas, estudando-lhes o corpo energético em fotografia de alta frequência. O diagnóstico de uma planta muito antes que a “doença” realmente se manifestasse, permitia que se neutralizassem as condições mórbidas e talvez se salvassem preciosas colheitas agrícolas. As implicações filosóficas eram ainda mais extraordinárias. Dir-se-ia que os seres vivos têm dois corpos: o corpo físico que todo o mundo pode ver, e o “corpo energético” que os Kirlian viam nas fotografias de alta frequência. O corpo energético não parecia mera radiação do corpo físico. De certo modo era o corpo físico que parecia espelhar o que acontecia no corpo energético. Qualquer desequilíbrio que se verificasse no corpo energético seria indicação de doença e, pouco a pouco, o corpo físico refletiria o processo.

Enquanto isso, em Londres, o Dr. Walter Kilner, usando lentes especiais, coloridas, afirmou ter visto o mesmo fenômeno detectado pela máquina Kirlian. Essa aura de energia em torno do corpo físico estava sempre em movimento e, exatamente como o mostrava a kirliangrafia, dele emergiam clarões multicores de energia que se perdiam no espaço. Saúde má, cansaço, depressão, tudo influía na aura, de acordo com Kilner, que logo aprendeu a fazer diagnósticos baseados nas cores e na forma da aura. Kilner descobriu que algumas pessoas eram capazes de mudar, a seu talento, as cores da própria aura. Várias manchas de padrões pertur-

bados indicavam áreas doentes, conforme consta do livro de sua autoria, sob o título *The Human Aura*. Eram os mesmos padrões que os Kirlian haviam descrito.

Afirmam Sheila Ostrander e Lynn Schroeder que “Semyon Davidovich Kirlian e Valentine Chrisanfovna Kirlian tinham criado um modo de vermos o invisível”. Mas que significava isso – esse dédalo de energia colorida dentro de nós? O mundo da Ciência fora colocado na pista de algumas descobertas realmente fantásticas sobre a natureza do homem. A “janela aberta para o desconhecido” dos Kirlian poderá revolucionar o conceito que fazemos de nós mesmos e do Universo!

Deve-se observar que pesquisas mais recentes têm confirmado e aprofundado o processo Kirlianográfico e o de Kilner. O Dr. Florin Dumistrescu, médico e engenheiro romeno radicado na França, é a maior autoridade mundial em *eletronografia*, um procedimento que permite o rastreamento dos campos de energia tanto dentro como em volta do corpo humano, através de imagens estáticas ou dinâmicas. O equipamento é semelhante à máquina Kirlian, mas mais sofisticado na medida em que permite registros que vão desde fatos em preto e branco até imagens ao vivo em circuitos internos de TV em cores. Uma inflamação, por exemplo, aparece como uma zona escura, enquanto um tumor maligno revela uma zona de luz intensa diferente do tecido saudável.

15

O corpo energético

Por volta de 1968, os Drs. V. Inyushin, N. Vorobev, N. Shouisiki, N. Fedorova e F. Gibadulin anunciaram o que descobriram: todas os seres vivos – plantas, animais e os homens –, possuem não apenas o corpo físico, constituído de átomos e moléculas, mas também um corpo energético, a que deram o nome de Corpo de Plasma Biológico.

Na obra *A Essência Biológica do Efeito Kirlian*, V. Inyushin e V. Grischenko relatam as pesquisas que realizaram em torno do “corpo energético”. A certa altura do trabalho, elucidam:

“A bioluminescência invisível nas fotografias Kirlian é causada pelo bioplasma e não pelo estado elétrico do organismo. Um dos traços mais característicos desse corpo energético colorido e brilhante, que existe em todos os seres vivos, é a sua organização espacial específica. Possui forma. No interior do corpo energético os processos têm o seu próprio movimento labiríntico, absolutamente diversos do padrão de energia no corpo físico. O corpo bioplasmático também é polarizado.

“O plasma biológico do corpo energético – enfatizam os ilustres pesquisadores – é específico de cada organismo, de cada tecido e, possivelmente de cada biomolécula. A

especificidade determina a forma do organismo”.

Nos últimos anos, esclarecem Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, inúmeros cientistas de vários países têm pressuposto a existência de uma espécie matriz, uma espécie de padrão organizador invisível, inerante aos seres vivos. Na Rússia, por exemplo, o Dr. Alexandre Studitky, do Instituto de Morfologia Animal de Moscou, picou um tecido muscular em pedacinhos, o corpo reconstituiu um músculo inteiramente novo, como se existisse um padrão organizador. Um neurologista norte-americano descobriu que poderia atinar com vestígios do padrão de campo elétrico do membro amputado de uma salamandra. Outros cientistas, tomando-se do glóbulo de protoplasma, que deveria crescer no braço de um animal fetal, colocaram-no na perna. Daí nasceu uma perna, e não um braço, o que supõe, mais uma vez a existência de um campo organizador.

Será o corpo brilhante de luz que os Kirlian descobriram esse molde ou padrão organizador?, perguntam os pesquisadores do momentoso assunto. Em caso afirmativo, que relação existe entre o importantíssimo corpo energético e o corpo físico? Nas fotografias, os experimentadores russos demonstram que, embora se corte parte do corpo físico de um ser vivo, o corpo bioplasmático subsiste, inteiro e claramente visível, num campo de alta frequência. Quando o corpo energético desaparece, a planta ou o animal falece.

Existe uma relação rigorosa entre o corpo físico e o corpo energético (entre a matéria atômico-molecular e o estado plásmico dos seres vivos), a energia de qualquer ser vivo é feita da energia das suas células físicas e da energia móvel do bioplasma, asseguram Inyushin, Grishchenko e seus pares.

Impõem-se, então, as seguintes perguntas: O que gera essa energia bioplasmática? Como reabastecemos o corpo energético? Os cientistas russos descobriram que o oxigênio

que respiramos converte alguns dos seus elétrons excedentes a um certo "quantum" de energia no corpo energético. Na silenciosa carga de alta frequência foi possível assistir, efetivamente, ao processo no instante em que ocorria. "A filosofia hindu da ioga", lembram S. Ostrander e L. Schroeder, "sempre sustentou que a respiração carrega todo o corpo de 'força vital' ou 'prana', e a Ioga prescreve exercícios específicos de respiração para conservar a saúde.

Agora – prosseguem as jornalistas e pesquisadores americanas –, os biólogos da Universidade do Casaquistão começaram a compreender porque respirar o ar ionizado tem um grande efeito medicinal em muitas espécies de doenças. De fato; segundo alguns especialistas, não só os russos, mas de várias partes do mundo, admitem que muitas doenças principiam quando se deteriora o suprimento de bioplasma. Descobriu-se, até, que o simples borrifo em uma ferida com ar ionizado lhe acelera consideravelmente a cura, uma vez que ions ajudam a restaurar o equilíbrio do corpo bioplasmático.

Com esse conceito do corpo de plasma biológico – asseveram os pesquisadores –, podemos abrir novos caminhos para a compreensão das neoplasias e de outras moléstias.

Há algum tempo, os russos estão estudando os iogues, que afirmam realizar viagens fora do corpo. Em ocasiões de crises, transes, coma ou sob a influência de anestésicos, esse corpo energético se desprende espontaneamente. No momento da morte, o corpo energético sai definitivamente do corpo físico, as pessoas passam a viver em outra dimensão. No decurso de suas experiências, com o processo Kirlian, os russos fotografaram muitas vezes o momento da morte, assim como procedeu o Dr. Baraduc, pioneiro neste campo de pesquisa. No instante da morte do corpo físico de uma planta ou de um animal, os pesquisadores

do processo Kirlian viram fagulhas e clarões do corpo bioplasmático arremessado-se, pouco a pouco, ao espaço, “nadando para longe e desaparecendo”. Gradativamente, se dissipava toda e qualquer luminescência proveniente da planta e do animal mortos. Entrementes, detectadores à distância do campo biológico continuavam a detectar campos de força pulantes do corpo morto. Era a energia do corpo bioplasmático em dispersão, prenúncio da decomposição da organização física.

As implicações das asserções russas de que existe, realmente, um corpo energético são vastas. Nenhuma área do nosso pensamento, seja ela a filosofia, a ciência, a arte, a religião, a medicina, deixará de ser, mais cedo ou mais tarde, afetada pelo conceito de que não possuímos um corpo, senão dois. Tem-se dado a ele a atribuição de corpo secundário. Mas é certo de que se trate de corpo primário, do modelo organizador biológico, que age sob o comando do Espírito, através do qual estamos, sem dúvida, ligados a todas as coisas do Universo, de forma mais profunda do que sonha a vã filosofia dos incrédulos.

Não foi sem razão, certamente, que Allan Kardec, o inolvidável mestre de Lyon, afirmara que os estudos das propriedades do perispírito (o corpo energético dos russos), dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abrem novos horizontes à ciência, e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, por se ligarem à espiritualidade, qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, segundo as crenças. Tais são entre outros, o fenômeno da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos físicos, da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da

transmissão do pensamento (telepatia), das curas instantâneas, das obsessões etc. Em demonstrando que esses fenômenos repousam sobre leis naturais, quanto a dos fenômenos elétricos, e as condições normais nas quais podem se reproduzir, conclui Kardec, que o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural, e, por conseqüência, a fonte da maioria das superstições. Se fez crer na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns quiméricas, impediu de crer em muitas outras das quais demonstra a impossibilidade e a irracionalidade.

16

Os biofótons

Desde 1912 que o Professor Alexander Gurvitch (1876-1954) se ocupou, na Rússia, com a morfogênese. Ao longo das pesquisas sobre a divisão celular das plantas, ele observou que as células de uma raiz de uma cebola nova eram estimuladas em um determinado ponto para aumentar a divisão celular, quando os pontos da raiz de uma outra cebola eram direcionadas para aquele local. Foi constatado o mesmo efeito em diferentes tecidos de plantas e de animais, chegando-se à conclusão de ter sido identificada o que se rotulou de radiação mitogênica. Objetivando eliminar qualquer interferência de ordem química, o Professor Gurvitch colocou as cebolas em separado, em pequenos vidros. Quando ele usava vidros de vidraças comuns, o efeito não acontecia. Entretanto, quando usava o quartzo, a divisão celular continuava a ocorrer. No princípio, o pesquisador russo imaginava que a radiação era puramente biológica; porém, observando com maior detalhe, verificou que se tratava de ondas eletromagnéticas. Com o passar do tempo, descobriu que a energia que estrutura e regula todos os seres vivos é eletromagnética!

A verdade, porém, é que o Professor Gurvitch estava muito à frente de seu tempo (como, aliás, acontece com os

grandes pioneiros). E suas teses sobre o funcionamento das células vivas nas décadas de 1920 e 1930, vêm sendo reativadas por seu patrício, o Dr. Ilya Prigogine, ganhador do Prêmio Nobel, pelas pesquisas que realizou em torno dos biofótons. Paralelamente, um outro notável investigador, o biólogo inglês Rupert Sheldrake, empreendeu estudos sérios a respeito dos campos mitogenéticos. Deve-se, no entanto, fazer justiça a um cientista e investigador psíquico alemão, o Dr. Hans Driesch (1867-1941) que foi o primeiro a demonstrar que os organismos vivos são, na verdade, campos de energia. Mas, para o Dr. Driesch essa energia que existe nos bastidores da criação das formas deveria chamar-se enteléquia (princípio vital imaterial e regulador) já anteriormente referido por Aristóteles e W. Goethe. Contudo, fora Alexander Gurvitch o primeiro a admitir que lidava com campo magnético, descrevendo-o e demonstrando existir uma radiação correlata nas células. As conclusões de Gurvitch seriam, depois, confirmadas pelas pesquisas levadas a efeito pelo Dr. Denis Gabor, Prêmio Nobel de Química, 1928. Mas, as investigações em torno dos biofótons entraram em declínio e praticamente desapareceram, pelo menos no Ocidente, em virtude (sem outros motivos) da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, as pesquisas prosseguiram no Leste Europeu, daí decorrendo a descoberta da máquina Kirlian e o trabalho surpreendente do Dr. V. M. Inyushin sobre o corpo bioplasmático, bem como de várias incursões científicas às questões bioenergéticas.

Após o conflito mundial, procedeu-se a uma espécie de renascimento das pesquisas iniciadas por Gurvitch. As correntes dos fótons foram fotografadas, graças a sofisticados instrumentos. Utilizou-se do foto-amplificador para analisar a luz encontrada na célula de organismos vivos.

Nesse campo, destacam-se as figuras dos biofísicos italianos Colli e Faccini. Nos anos de 1954, eles chegaram à conclusão de que várias sementes de plantas irradiam luz, que ia desde o verde ao vermelho do espectro.

Deve-se observar, todavia, que a despeito de tantas e avançadas conquistas nessa área fascinante da vida, em suas complexas e profundas implicações, não se chegou a um entendimento justo e real do significado da radiação biofotônica. Na verdade, a ciência ainda pretende explicar a Vida tão-somente à luz da bioquímica. Ademais, as pesquisas dos cientistas da ex-cortina de ferro, no que se refere à radiação biofotônica, não foram acolhidas pelos seus pares no Ocidente, que não acreditam que essa radiação, porque fraca, jamais poderia ter qualquer influência biológica.

Na década de 1970, desponta o nome do biofísico alemão Fritz Albert Popp, da Universidade de Marburg. E ele concluiu, depois de acuradas pesquisas, que “a renovação das células no homem e no animal só poderia ser transmitida se existisse uma comunicação operando à velocidade da luz entre todas as células”. Isso quer dizer que todas as células são sempre avisadas da morte de uma célula e não apenas a substituta!

Popp, a essa altura, tomou conhecimento das experiências do Professor russo Kasnatchev, que demonstrou que as células vivas trocam informações biológicas no campo ultravioleta, através dos fótons. Em suma: ondas eletromagnéticas. Ao mesmo tempo, soube do trabalho desenvolvido por Alexander Gurvitch. A partir daí, ele sentiu-se vivamente estimulado a prosseguir em suas complexas pesquisas, perguntando-se, porém, quais as conseqüências da existência da luz no organismo vivo e quais as suas causas. Popp não admitia que o processo de comunicação

dentro do organismo se devesse a um mecanismo puramente de ordem bioquímica.

O certo é que as pesquisas com os biofótons (que redimensionam a compressão dos processos básicos da Vida) demonstraram que as células do corpo físico são dirigidas por um campo de biofótons que atuam mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam, mediante as funções e propriedades dialéticas do perispírito!

Assim, a vida física é dirigida por um campo de biofótons que atua mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam, mediante as funções e propriedades dialéticas do perispírito!

Assim, a vida física é dirigida por um campo de biofótons que atua mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam, mediante as funções e propriedades dialéticas do perispírito!

Assim, a vida física é dirigida por um campo de biofótons que atua mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam, mediante as funções e propriedades dialéticas do perispírito!

17

A fotogênese

Em *Le Fluide Devant la Psychique Révélatrice et la Métapsychique Objective*, Paris, 1927, Gaston Jean Mondeail registra os principais trâmites dos fenômenos de *fotogênese* ocorridos em sessões científicas com o jovem médium italiano Pasquale Erto, cognominado "o luminoso". As primeiras experiências aconteceram a partir de fevereiro de 1922, em ambiente meticulosamente preparado. Conforme relata Jean Mondeail, raios luminosos emanavam da parte anterior do corpo de Pasquale, assim como da cabeça, dos pés e das mãos. As emanações luminosas ocorriam na escuridão e sob fraca luz vermelha.

O Prof. Luigi Romolo Sanguinetti, em artigo publicado na *Revue Métapsychique*, número de julho de 1922, descreve a versatilidade do fenômeno:

"Os raios emitidos por Pasquale Erto variam de cor, de longitude, de forma. No que se refere à cor, geralmente são de um belo azul-lunar, ou um azul-elétrico ou de um vermelho-vivo, ou de um vermelho-alaranjado ou amarelo. Os matizes são bem pouco numerosos. O comprimento varia desde o dos raios curtos, em forma de agulhas, até o de raios de 4, 5, 6 metros. O médium podia imprimir a esses raios a direção que se lhe indicasse. Frequentemente, eu o

fiz dirigir de maneira a iluminar as pessoas que entravam na sala no decorrer da sessão. No que se refere à forma, trata-se ou de raios no estrito sentido da palavra, ou de raios difusos em forma de leque, de triângulos, de cone, cujo ápice está geralmente unido ao médium. Temos observado, também, verdadeiros globos de luz. A luz aparecia então como concentrada e de cor vermelho-viva ou alaranjada. Estes globos são de duração tão curta quanto a dos raios”.

Pasquale Erto não se negava a um rigoroso exame antes das sessões. Perscrutavam-lhe, então, o seu corpo nu, “com exploração do reto, uretra, boca, nariz, orelhas, cabelos etc.”. Asseguravam-se, os pesquisadores, que nenhum recurso especial fosse utilizado pelo médium na obtenção do raro fenômeno de fotogênese.

Por volta de 1923, Pasquale Erto submeteu-se a rigorosa pesquisa no Instituto de Metapsíquica Internacional, à época dirigido por Gustave Geley. Erto se submetia a radiografias e depois vestia uma roupa especial, feita sob medida, que cobria todo o seu corpo, menos as mãos e a cabeça. Esta era envolvida em um véu, costurado ao colarinho da vestimenta. Luvas de boxe eram usadas para isolar as mãos. O médium só entrava na sala da sessão depois que os investigadores a examinavam meticulosamente. Nada disso impedia que Erto produzisse luzes, mesmo diante de mágicos profissionais. Os pesquisadores encontraram, em algumas sessões, fragmentos de ferrocério (liga de ferro e cério) no vestuário de Erto, juntamente com pequenas fontes de aço. Acreditou-se que, desse modo, seriam explicados os fenômenos luminescentes provocados pelo sensitivo italiano. Baseada nessas *provas*, uma Comissão de Inquérito constituída pela Sorbone, célebre estabelecimento público de ensino superior de Paris, concluiu: “Ele se munia, antes da sessão, de um pequeno

fragmento de ferrocério e de um pedacinho de aço. Na escuridão, raspava o ferrocério com o aço, produzindo, assim, faíscas, dissimulando o barulho com um 'ah' violento".

Os doutíssimos membros da Comissão de Inquérito da Sorbone esqueceram que Pasquale Erto estava de luvas de boxe! De que forma, assim, o médium poderia manipular *fragmentos* de minérios para a consecução do extraordinário fenômeno de fotogênese? Além do mais, a roupa que o médium vestia era fornecida pelos investigadores, que antes o examinavam, detalhadamente, *com exploração do reto, uretra, boca, nariz, orelhas, cabelos, etc.* Os fragmentos de ferrocério e de aço surgiam, certamente, do próprio trabalho desenvolvido pelos Espíritos para a obtenção do fenômeno.

O certo é que ninguém conseguiu realmente explicar como Pasquale Erto pode fazer surgir *raios de 4, 5 e 6 metros de cores diferentes, com minúsculos pedaços de metal.* Alguns mágicos, tão cétricos quanto os cientistas, e estes tão descrentes como o homem do povo, afirmaram que poderiam, folgadoamente, produzir os fenômenos de fotogênese. Jamais *o conseguiram!*

Sir William Crookes (1832-1919), uma das glórias científicas dos séculos XIX e XX, assim se manifestou sobre a *luz psíquica*, em artigo publicado no *Quarterly Journal of Science*, sob o título "Notes of an Enquiry into the Phenomena Called Spiritual".

"Sob as mais rigorosas condições de teste, vi um corpo sólido, luminoso, semelhante a um ovo de peru flutuando silenciosamente pela sala, às vezes a uma altura superior à de uma pessoa na ponta dos pés. Em seguida descia suavemente ao solo. Numa ocasião, ficou visível por mais de dez minutos antes de desaparecer. Bateu na mesa, produziu um som semelhante ao de um corpo duro e sólido.

Durante esse tempo, o médium, aparentemente inconsciente, estava deitado de costas numa poltrona”.

E mais adiante o descobridor do Talium e o inventor do radiômetro, acrescenta:

“Vi pontos luminosos dardejando pela sala e pou-
sando nas cabeças de diferentes pessoas. As perguntas que
fiz-me foram respondidas com sinais luminosos, empre-
gando um código previamente convencionado... Identi-
fiquei uma nuvem luminosa pairando por cima de um
heliotrópio na mesa, quebrar um dos seus galhos e entregá-
lo a uma senhora”.

Seria temerário afirmar-se que o notável químico
inglês fora vítima de embustes patrocinados pela jovem
médium Florence Cook ou, mesmo, por Daniel Dunglas
Home, sobre quem jamais usou a pechã de fraudulento.
Ademais, que poderia lucrar, o grande sábio, de suas
pesquisas sobre os fenômenos paranormais? Ele já era, à
época, finais do século XIX, um cientista consagrado em
todo o mundo, gozando de uma reputação ilibada. Pelo
contrário; não foram poucos os que saíram, a campo, para
tentar, sem sucesso, lhe atacar a honra e a integridade
científica.

A autenticidade das pesquisas sobre fenômenos
luminosos promovidas por Sir William Crookes seria
evidenciado pelo trabalho do Dr. Gustave Geley, em sessões
levadas a efeito com o médium polonês Franek Kluski.
Relata o investigador francês autor da obra clássica *De
l'Inconscient ou Conscient*:

“(...) Um segundo depois, ocorreu um magnífico
fenômeno: uma mão se movia, vagorosamente, ante os
espectadores. Na palma encontrava-se um corpo semelhante
a um pedaço de gelo luminoso. A mão era luminosa e
transparente, deixando ver a cor dos tecidos”.

Ainda com Kluski, Geley obteve uma série de fenômenos luminosos, como o que se registrou no dia doze de abril de 1922:

“Uma longa cauda se formou atrás e por cima do médium. Era constituída de pequenos grãos de luz, alguns mais brilhantes do que os outros. O véu oscilava da direita para a esquerda e vice-versa, subindo e descendo. Demorou cerca de um minuto, desaparecendo para reaparecer outras vezes. Ao findar a sessão o médium estava nu, exausto, superaquecido e transpirando abundantemente nas costas e debaixo dos braços”.

O Dr. Julien Ochorowicz (1850-1918), da Universidade de Lenberg e Diretor do Instituto Général Psychologique, de Paris, após realizar exaustivas pesquisas sobre os fenômenos luminosos, ocorridos em sessões experimentais, opina: “as mãos etéricas não se materializavam enquanto irradiava a luz; os dois fenômenos não tinham condições de ocorrer simultaneamente. Essa descoberta nos leva a concluir que não haveria ectoplasma suficiente para produzir ambos os fenômenos ao mesmo tempo”.

[Faint handwritten text, possibly a signature or date, mostly illegible.]

18

Outros casos de fotogênese

O barão Albert Freihern von Scherenck-Notzing (Odenburg, Alemanha, 1862 – Munique, 1929) na obra *Physikalische Phänomene des Mediumnismus* (Munique, 1920) trata da faculdade mediúnica de Maria Silbert que, em transe ficava luminosa. Maria irradiava uma *claridade lunar*, suave esverdeada, lembrando a luz dos vaga-lumes. Dos dedos, cotovelos e dos joelhos saíam, de vez em quando, clarões mais fortes, que se projetavam além das paredes da sala de sessões. A fotogênese de Maria Silbert acontecia, em plena luz; entretanto, os pesquisadores deixavam o ambiente às escuras, a fim de apreciarem o raro e surpreendente espetáculo produzido pela luz "selênica" que se desprende, inexplicavelmente, do corpo da sensitiva.

Na década de 1970, a médium inglesa Gladys Hayter, foi inúmeras vezes fotografada no momento em que emitia estranhas serpentinas luminosas, que alguns pesquisadores imaginavam tratar-se de modernos registros de ectoplasma. Na cidade de Nova Iorque, a médium Veronika Leuken, provocava, à sua volta, uma série de clarões coloridos. Ela se tornou, mais tarde, uma líder religiosa, que começou a ter visões marianas...

A fotogênese no Brasil

Em *Os Prodígios da Biopsíquica*, Eurico Góes relata os incríveis fenômenos luminosos provocados às expensas da faculdade mediúnica de Carmine Mirabelli, enquanto A. Ranieri, na sua obra *Materializações Luminosas*, descreve os trâmites das sessões realizadas com Francisco Lins Peixoto (o Peixotinho), Fábio Machado, Ifigênia França, Levi, Altino e Helenita e Ênio Wendling. (1)

(1) Esses médiuns constam da obra *Materializações Luminosas*, de autoria de R. A. Ranieri, editada pela Federação Espírita de São Paulo. Todos eles participaram de memoráveis sessões de efeitos físicos e de materialização, onde despontavam notáveis fenômenos luminosos.

19

Energia orgônica

Em 1957, falecido numa penitenciária norte-americana o Dr. Wilhelm Reich, nascido em 1897 na Alemanha. Ele descobriu uma energia vital a que deu o nome de *Energia Orgônica*. O aparelho destinado a captar e reter essa energia é o "ACUMULADOR ORGÔNICO". O pesquisador alemão considerava que o homem se compõe de energia, e ela o alimentava, após sofrer certas transformações por todo o corpo. Caso haja qualquer impedimento a esse fluxo de energia, ocorrem os estados de desequilíbrio orgânico, culminando como comprometimento da saúde. Afirmava o pesquisador que essa energia é de cor azul e ela provém do sol, encontrando-se, também, no ar que todos respiram. Ele próprio afirmou: "Vivemos em um mundo impregnado de energia universal, primária e onipresente". E adianta: "Ela é a origem de todas as outras formas de energia e de toda a criação. A energia orgônica, em sua forma original ou através de formas secundárias, participa de todos os acontecimentos: das ações humanas, das suas observações e pensamentos e, também, de tudo que acontece na Natureza".

Ao longo de suas pesquisas W. Reich verificou que a energia orgônica era mais intensa em algumas pessoas e

em outras não. Ele recomendava a essas últimas que se alimentassem de produtos energéticos e se mudasse para ambientes abertos, em contato com a Natureza, absorvendo-lhe as puras energias. O "Acumulador Orgônico" poderia suprir o paciente dessas energias, caso ele não pudesse se transferir para lugares arejados e adequados à recuperação da saúde. O aparelho acumula energia, e funciona, em determinados casos, como "a água de um rio": elimina os obstáculos, e a energia que se encontra presa, retida, passa a circular com desembaraço e advém o equilíbrio. Pacientes que se submeteram aos testes do "ACUMULADOR ORGÔNICO", sentem, em princípio calor, sonolência, formigamentos. O período de permanência no "ACUMULADOR" vai de 15 a 20 minutos, não devendo ultrapassar desses limites.

A construção do "ACUMULADOR ORGÔNICO" é de extrema simplicidade. Na verdade, parece um armário, com 1,50m de altura, com uma largura e profundidade que possibilite a permanência de uma pessoa sentada. A porta é guarnecida de uma pequena janela. Na sua confecção são usados os seguintes materiais: madeira para a parte exterior e metal (seria adequado utilizar-se de ferro galvanizado) para a parte interna. Entre as camadas externa e interna fica um recheio de palha de aço e fibra de vidro.

Quanto maior o número dessas camadas, maior a capacidade de concentração de energia orgônica.

As teses de W. Reich mereciam, de parte da Ciência Oficial, um estudo em maior profundidade. Afinal de contas ele apenas reativou antigas concepções a respeito da energia que chamou de orgônica. Os gregos a conheciam, e a chamavam de *éter*. Na Ásia era conhecida como *prana* ou *chi*. Reichenbach deu-lhe o nome de *od*. Modernamente é conhecida por *bioenergia*.

Nos últimos anos de vida, W. Reich tentou estabelecer um confronto entre a energia nuclear e a orgônica. Constatou que são eminentemente antagônicas. Ele experimentou um miligrama de rádioio em um "ACUMULADOR ORGÔNICO". A reação foi tremenda. Todo o laboratório ficou contaminado. O experimentador e seus assistentes ficaram doentes, em consequência das radiações. A partir daí, Reich e seus colaboradores ficaram imunes à radioatividade. Essa descoberta motivou a equipe a desenvolver um processo de imunização contra problemas gerados pela radioatividade. Consistia na aplicação controlada de orgônio contra a radiação nuclear. Reich chamou esse processo de ORANUR (Orgon Against Nuclear Radiation).

Ao longo do tempo em que W. Reich trabalhou na América do Norte, utilizou-se de seu "ACUMULADOR ORGÔNICO", alcançando expressivo sucesso. Seus contestadores, especialmente os colegas médicos, entraram na Justiça no sentido de impedir o uso do aparelho. A Justiça, acatando as argumentações dos inconformados profissionais, proibiu que o pesquisador operasse o "ACUMULADOR". Ele não obedeceu, e foi preso, cumprindo dois anos de prisão, além de pagar pesada multa. Ainda cumprindo pena, Wilhelm Reich foi posto em liberdade pela morte...

20

Psicotrônica

A Psicotrônica surgiu a partir de 1960. Tentava-se sintetizar as pesquisas desenvolvidas por investigadores, em várias partes do mundo, preocupados em estabelecer as Interconexões entre energia, matéria e consciência.

O vocábulo *psicotrônica* é constituído de dois termos gregos: *psyché* (Espírito) e *tron* (instrumento).

Os estudiosos do assunto revelam que a "idéia básica da psicotrônica gira em torno de uma onda condutora de energia do pensamento, a *psicotron*". Esta é uma onda teórica, constituída de partículas que vibram com velocidade superior à luz.

No mês de junho de 1973 aconteceu, em Praga, capital da Tchecoslováquia, o primeiro congresso de psicotrônica. Dele participaram biólogos, médicos, psiquiatras, engenheiros, químicos, físicos etc. Pretendia-se, nesse encontro, definir psicotrônica como ciência.

O Dr. John Jugerman, físico nuclear da Universidade da Califórnia, admite que a consciência humana influencia os instrumentos com os quais o homem trabalha. Isso quer dizer que esses instrumentos, alterados pela energia de nossa consciência, não podem oferecer uma absoluta precisão do que está medindo ou dimensionando. As obser-

vações de Jungerman seriam, depois, analisadas pelo Dr. Robert Pavilita, engenheiro tcheco-slovaco, que terminou criando um aparelho a que deu o nome de "gerador psicotrônico". A forma do aparelho, conforme Pavilita, é de fundamental importância, e determina como a energia é usada para realizar diferentes trabalhos. O construtor carrega o aparelho com a sua energia mental. A assistente de Pavilita, Jana, realizou uma experiência intrigante: ela colocou um gerador psicotrônico junto à sua têmpera direita.

Em seguida, pôs junto a ele um pequeno aparato do tipo de um moinho de vento. As asas desse aparato giram no sentido dos ponteiros do relógio. Depois, ela colocou o gerador junto à sua têmpera esquerda, ao lado do moinho de vento, o gerador agora fazia girar no sentido anti-horário. Aí estava evidenciado que as polaridades dos dois hemisférios cerebrais são opostas, e que a energia acumulada no gerador permanece também polarizada.

Experiências semelhantes foram postas em prática por um outro engenheiro tcheco, Julius Krimssky, que construiu um "detector de energia psicotrônica", apto a demonstrar que a energia mental, controlada pela vontade, é capaz de influenciar a matéria. A Metapsíquica que houvera estudado o fenômeno e a Psicocinesia. Toma-se por base, em experiências que tais, o aforismo: pensamento é força construtora, vontade é força impulsora. Krimssky construiu uma geringonça destinada a provar, na prática, a sua teoria. A esse aparato, como se informou linhas atrás, levou o nome de "detector de energia psicotrônica". O mesmo pesquisador demonstrou ser capaz de acender uma lâmpada focalizando o seu olhar num diodo interruptor. Esta experiência relaciona, ao que parece, com uma espécie, peculiar, de energia que emana de nossos olhos, a que os investi-

gadores chamam de *radiação ocular* (*eyebeam*). Em 1963, o físico Christopher Hills, na Jamaica, realizou experiência idêntica, bem como o parapsicólogo Andrija Puharich, em Nova York, no ano de 1967. Cientistas soviéticos, impressionados com os resultados dessas pesquisas, iniciaram um trabalho nesse sentido. Quando uma emulsão fotográfica especial, sensível ao espectro ultravioleta (e com o auxílio de filtros seletivos), fotografaram desenhos muito estranhos gerados pela radiação ocular. Porta-voz soviético chegou a declarar: "Descobrimos uma emanção proveniente dos olhos dos animais e dos seres humanos".

Existem dois tipos de geradores que acumulam energia psicotrônica: os bioenergéticos, do tipo criado por Robert Pavlita e o gerador cósmico, que têm aplicações ilimitadas. Aponta-se a Grande Pirâmide de Quéops, no Egito, como um natural gerador psicotrônico. A Câmara do Rei, no interior da histórica e mística construção, parece ter sido destinada pelos magos da época para selecionar um raio particular conhecido como: energia concentrada da vida, ou *raio pi*, e focalizá-lo no sarcófago do rei. Afirmam os *experts* no assunto que, na verdade, a Câmara do Rei não era destinada a servir de túmulo, mas como uma Câmara de Iniciação Cabalística. Ali se provava a condição espiritual dos discípulos, realizando-se extraordinários fenômenos de materialização e de efeitos físicos.

O pesquisador americano Christopher Hills, inventou um aparelho que requeria as condições da Câmara do Rei, inclusive o *raio pi*. Hills rotulou o seu invento de "cofre acumulador de energia orgônica raio pi". Informa o inventor que o cofre foi especialmente construído para a realização de atos voltados para o bem. Se algum incauto tentar utilizá-lo para o mal, experimentará um "choque de retorno" (o que nos permitimos chamar de "bumerangue", expediente

muito conhecido entre os praticantes da Magia.

Assim, o que era, antes, apenas do domínio do Ocultismo, passou a ser investigado pela Ciência, que confirmou a existência de forças psíquicas e espirituais ainda não dimensionadas. Tudo, nesse sentido, vem elucidar os notáveis feitos do Mestre Jesus quando aqui esteve. Na verdade, ele não foi um mago ou um místico, mas conhecedor científico dessas poderosas energias, manipulando-as com sabedoria. A ignorância, porém, rotulou o trabalho extraordinário do Mestre de milagroso, como única saída para explicar o que desconheciam, o que não entendiam. E até hoje permanecem nessa posição ortodoxa, anacrônica, tentando, sem sucesso, demonstrar o que a Ciência já desbaratou.

Bibliografia

- 1 *A Alma é Imortal*, Gabriel Delanne, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 2 *A Feitiçaria - Exteriorização da Sensibilidade*, Albert De Rochas, Ed. Edicel, São Paulo.
- 3 *Animismo e Espiritismo*, Alexander Aksakof, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 4 *A Vidente de Prevorst*, Justino Kerner, Ed. O Clarim, Matão, SP.
- 5 *Clarões que Iluminam o Desconhecido*, I. Blov, 1964.
- 6 *Encyclopaedia of Psychic Science*, Nandor Fodor, University Books, Inc.
- 7 *Hipnotismo e Espiritismo*, José Laponi, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 8 *Hipnotismo e Mediunidade*, Cesare Lombroso, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 9 *No Invisível*, Léon Denis, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 10 *Nos Umbrais do Além*, William Barret, Ed. Estudos Psíquicos, Lisboa, Portugal.
- 11 *O Espiritismo Contemporâneo*, A. A. Martins Velho, Livraria Clássica Editora, Lisboa, Portugal.
- 12 *O Espiritismo Perante a Ciência*, Gabriel Delanne, Ed. FEB, Brasília, DF.
- 13 *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec, Ed. Edicel, São Paulo, SP.

- 14 *O Problema do Além e do Destino*, Alberto Seabra, Ed. Pensamento, São Paulo, SP.
- 15 *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain*, Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, Nova Jérsei, EUA, 1970.
- 16 *Transferência de Pensamento - É Possível?*, Anfilov, G., Znanie, Sila, 1960.
- 17 *Tratado de Metapsíquica*, 2 vols., Charles Richet, Ed. Lake, São Paulo, SP.

As implicações das asserções russas de que existe, realmente, um corpo energético são vastas. Nenhuma área do nosso pensamento, seja ela a filosofia, a ciência, a arte, a religião, a medicina, deixará de ser, mais cedo ou mais tarde, afetada pelo conceito de que não possuímos um corpo, senão dois. Tem-se dado a ele a atribuição de corpo secundário. Mas é certo de que se trate de corpo primário, do modelo organizador biológico, que age sob o comando do Espírito, através do qual estamos, sem dúvida, ligados a todas as coisas do Universo, de forma mais profunda do que sonha a vã filosofia dos incrédulos.

Não foi sem razão, certamente, que Allan Kardec, o inolvidável mestre de Lyon, afirmara que os estudos das propriedades do perispírito (o corpo energético dos russos), dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abrem novos horizontes à ciência, e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, por se ligarem à espiritualidade, qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, segundo as crenças. Tais são entre outros, o fenômeno da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos físicos, da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento (telepatia), das curas instantâneas, das obsessões etc.



EDITORA MNÊMIO TÚLIO

Rua Dr. Carneiro Maia, 100
04155-050 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (011) 577-7638

ISBN 85-86479-09-8



9 788586 479090